

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**EDUARDO HENRIQUE DE FREITAS MARQUES**

**MOVIMENTOS SOCIAIS ESTUDANTIS NO BRASIL EM FINS DE 2016: UMA  
ANÁLISE DAS OCUPAÇÕES ESCOLARES EM ITUIUTABA - MG**

**UBERLÂNDIA**

**2019**

EDUARDO HENRIQUE DE FREITAS MARQUES

MOVIMENTOS SOCIAIS ESTUDANTIS NO BRASIL EM FINS DE 2016: UMA  
ANÁLISE DAS OCUPAÇÕES ESCOLARES EM ITUIUTABA - MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Sociedade e Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Fabiane Santana Previtali

Uberlândia

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

M357m  
2019 Marques, Eduardo Henrique de Freitas, 1994-  
Movimentos sociais estudantis no Brasil em fins de 2016 [recurso eletrônico] : uma análise das ocupações escolares em Ituiutaba - MG / Eduardo Henrique de Freitas Marques. - 2019.

Orientadora: Fabiane Santana Previtali.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.952>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. 2. Movimento da juventude. 3. Movimentos sociais. 4. Redes sociais on-line. 5. Movimentos estudantis. I. Previtali, Fabiane Santana, 1970-, (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

---

CDU: 37

EDUARDO HENRIQUE DE FREITAS MARQUES

**MOVIMENTOS SOCIAIS ESTUDANTIS NO BRASIL EM FINS DE 2016: UMA  
ANÁLISE DAS OCUPAÇÕES ESCOLARES EM ITUIUTABA - MG**

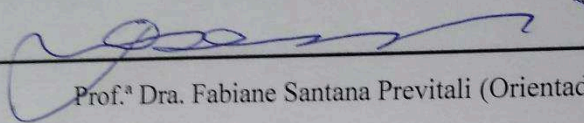
Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Sociedade e Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Fabiane Santana Previtali

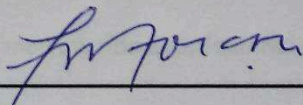
Uberlândia, 27 de Fevereiro de 2019

Banca examinadora



Prof.ª Dra. Fabiane Santana Previtali (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia - UFU



Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

Universidade Federal de Uberlândia - UFU



Prof.ª Dra. Thais Cristina Figueiredo Rego

Faculdades Integradas de Pitágoras – Montes Claros - FIPMoc

Aos meus pais, Henrique e Raquel, pois sem eles eu não teria chegado até aqui.

Ao meu querido avô, João Sebastião da Silva, saudades eternas.

Ao meu amor, Thayná.

Ao meus amigos e familiares que estiveram ao meu lado.

Aos jovens que lutam diariamente por seu espaço na sociedade.

DEDICO

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pela direção e pela condição que ter forças para escrever este trabalho. Agradecer aos meus pais, Henrique e Raquel, que me amam imensamente e sempre se colocaram à disposição para me ajudar, compartilhando experiências e proporcionando tudo, demonstrando amor e compreensão, sem vocês este trabalho não existiria. Agradeço aos meus amados avós: João Batista (In Memoriam), João Sebastião (In Memoriam), Regina ( In Memoriam) e Delícia, que foram exemplos e me inspiraram a buscar meus sonhos e conquista-los, com humildade e perseverança.

Agradeço à minha orientadora, Fabiane Previtali, que sempre se colocou à disposição para me ajudar e orientar nos melhores caminhos da escrita, demonstrando-se atenciosa e paciente, sem a sua colaboração seria impossível concluir este trabalho. Preciso também agradecer aos professores e professoras, que durante o curso do mestrado se mostraram mais que professores, aumentando ainda mais o meu anseio pela pesquisa em Educação, em especial gostaria de agradecer aos seguintes professores: Humberto Guido, Sauloéber de Souza, Sérgio Paulo, Carlos Lucena, Lucia Valente, Maria Célia.

As amigas criadas a partir do mestrado, e aos membros que se estendem para o grupo de pesquisas GPTES, envolvendo todos os amigos que contribuíram para a construção deste trabalho. Aos entrevistados que se dispuseram com toda atenção e carinho, a responder as questões que envolviam diretamente suas vivências e experiências particulares com as duas escolas ocupadas em Ituiutaba – MG, sem a colaboração de vocês, esta dissertação não teria acontecido.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação, pelo interesse e fomento a esta pesquisa. Agradeço também a todos os membros do corpo docente, aos funcionários e em especial ao secretário do PPGED James, pela extrema atenção e dedicação com qual atende atenciosamente à todos. Agradeço aos motoristas de ônibus dos Intercampi, que se mostraram grandes parceiros nesta jornada: Samuel, Odevan, Marcelo e João.

Ao meu amigo Marcus da Silveira Júnior, meus irmãos Lucas Vitor e Elias Henrique. Agradeço ao meu amor, Thayná Martins, que me suportou em momentos difíceis, demonstrando amor e carinho. E por fim, agradeço à banca avaliadora, que se dispôs a ler e contribuir com esta dissertação, obrigado pela paciência e disposição.

*Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de Lucas está escrito que o Reino de Deus está dentro do homem – não de um só homem ou grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós, o povo, tendes o poder – o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela... de faze-la uma aventura maravilhosa. Portanto – em nome da democracia – usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice. É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos por um mundo livre. Para terminar com as fronteiras! Para acabar com a ganância, o ódio e a intolerância. Lutemos por um mundo de razão, um mundo onde a ciência e o progresso conduzam à felicidade de todos os homens. Soldados, em nome da democracia, uni-vos!” (O Grande Ditador – 1940)*

## RESUMO

O presente trabalho é fruto da pesquisa de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, vinculado à linha de pesquisa “Trabalho, Sociedade e Educação”. Buscamos apresentar e analisar aspectos que envolvem as ocupações estudantis ocorridas, no Brasil, no final do ano de 2016. Questões que envolvem a juventude atual presente na rede pública de Ensino Médio no Brasil e, logo após, desenvolvemos uma análise sobre as ocupações que ocorreram no estado de São Paulo, em 2015, contra o fechamento de escolas e remanejamento de alunos, evento que serviu de base e inspiração para os movimentos de ocupação que ocorreram no Brasil posteriormente. A partir destas questões, discorremos sobre as ocupações no Brasil e, em seguida, focamos nossa dissertação na cidade de Ituiutaba - Minas Gerais, cidade em que duas escolas de Ensino Médio participaram do processo de ocupação, representando a metade do número de escolas que ofereciam Ensino Médio na cidade. Após a apresentação da cidade e das duas escolas, partimos para a observação de duas páginas virtuais, ligadas à rede social *Facebook*, criadas especificamente para divulgar, propagar e relatar os acontecimentos que ocorriam no dia a dia das ocupações. Por fim, discutimos quatro entrevistas realizadas com participantes das ocupações em Ituiutaba – Minas Gerais, buscando relatar suas opiniões e experiências vividas nas duas escolas ocupadas. Assim, esperamos contribuir para as pesquisas que envolvem questões relacionadas à juventude, ocupações escolares, formas de organização estudantil e relatos de experiência com os movimentos de ocupação.

**PALAVRAS CHAVE:** Juventude. Ocupações Estudantis. Formas de organização. Luta por direitos. Novas tecnologias. Redes sociais. Movimentos sociais juvenis.



## ABSTRACT

The present study is a result of the Master Degree on the Education Research Program of the Federal University of Uberlândia, linked to the research line "Work, Society and Education" and seeks to present and analyze aspects that involve students' occupations that occurred in Brazil at the end of 2016. We seek to present questions that involve the current youth present in the public High School system in Brazil and, shortly after we developed an analysis of the occupations that occurred in the state of São Paulo in 2015, against the closure of schools and the relocation of students, an event that served as the basis and inspiration for the occupation movements that occurred in Brazil later. Based on these questions, we discussed the occupations in Brazil and then focused our dissertation in the city of Ituiutaba - Minas Gerais, where two, out of the four existing High Schools \in the city, took part in the occupation process, representing a significant half percentage. After the presentation of the city and the two schools, we observed two virtual pages, linked to the social network *Facebook*, which were created specifically to publicize, propagate and report the events that occurred in the daily routine of the occupations. Finally, we present interviews with four participants of the occupations in Ituiutaba - Minas Gerais, seeking to report their opinions and experiences they had in the two occupied schools. Thus, we hope to contribute to research involving issues related to youth, school occupations, and ways of student organization and reports of experience with occupation movements.

**KEYWORDS:** Youth. Student Occupations. Ways of organization. Fight for rights. New technologies. Social networks. Interviews.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Roteiro de atividades das ocupações – Terça Feira

Imagem 2: Mapa do Estado de Minas Gerais – Em destaque Ituiutaba

Imagem 3: Mapa da Cidade de Ituiutaba: Localização das escolas ocupadas

Imagem 4: *Printscreen* da página virtual do Facebook ligada às ocupações da escola Israel Pinheiro.

Imagem 5: *Printscreen* da página virtual do Facebook ligada às ocupações da escola Tonico Franco.

Imagem 6: Postagem referente à limpeza da escola Israel Pinheiro pelo ocupantes.

Imagem 7: Postagem referente às doações recebidas na ocupação, repassadas à Casa Lar de Ituiutaba.

Imagem 8: Postagem feita pela página virtual da Mídia Ninja no Facebook.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
1.1 Memorial .....	14
2. A JUVENTUDE E AS OCUPAÇÕES ESCOLARES NO BRASIL.....	16
2.1 Qual a juventude presente nas escolas públicas de ensino médio? Um balanço sobre questões que envolvem a juventude no Brasil.....	16
2.2 Um breve histórico do início das ocupações escolares no Brasil.....	32
3. CRISE NA DEMOCRACIA E OCUPAÇÕES: UM BREVE BALANÇO SOBRE O GOLPE DE 2016 E SEU DESENCADEAMENTO COM AS OCUPAÇÕES ESCOLARES EM 2016.....	41
3.1 Breve Histórico brasileiro de lutas por direitos e golpes políticos: processos que culminaram numa crise política em 2016.....	41
3.2 Observando as ocupações ocorridas em território nacional, algumas características e particularidades .....	47
3.3 Apresentando a cidade de Ituiutaba e as duas escolas ocupadas.....	53
3.4 Ocupações em Ituiutaba-MG: As duas escolas que aderiram ao movimento e suas páginas virtuais.....	55
4. UMA ANÁLISE SOBRE AS OCUPAÇÕES A PARTIR DO OLHAR DOS SUJEITOS DAS ESCOLAS OCUPADAS EM ITUIUTABA – MG.....	62
4.1 Apresentando os entrevistados: o perfil de cada um e seu envolvimento nas ocupações em Ituiutaba.....	62
4.2 Entrevistas com ocupantes: o que eles tem a dizer sobre as ocupações em Ituiutaba? .....	64
5. Considerações Finais: .....	80
6. FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	85

## 1. INTRODUÇÃO

A investigação que desenvolvemos neste trabalho envolve os chamados movimentos sociais relacionados à juventude no Brasil nos últimos anos. Quando nos referimos a movimentos sociais temos em mente a participação de grupos organizados que objetivam alcançar mudanças sociais e culturais, seja por meio de embate político, seja sobre valores ideológicos dentro de uma determinada sociedade. A partir destas observações iniciais pretendemos analisar o processo de ocupação estudantil ocorrido em duas, das quatro escolas estaduais de Ituiutaba MG, no ano de 2016.

Podemos afirmar que a juventude é uma categoria socialmente produzida. Temos que levar em conta que as representações sobre a juventude, os sentidos que se atribuem a essa fase da vida, a posição social dos jovens e o tratamento que lhes é dado pela sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos[...] A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. De um lado há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.111)

Para o decorrer do trabalho, construímos breves análises e questões pontuais sobre juventude, fazendo uma breve discussão sobre os jovens presentes no ensino médio público, algumas características e pontos essenciais. Então discorreremos sobre as ocupações que ocorreram no Estado de São Paulo, no ano de 2015. As ocupações iam contra uma proposta do governo que pretendia a reorganização e remanejamento de alunos, acarretando o fechamento de escolas. Os estudantes ocuparam as escolas, tanto as que estavam matriculados, tanto as que iam ser fechadas pelo governo, e a partir daí o movimento ganhou força e notoriedade, tanto em apoio popular, quanto em repercussão midiática. Trouxemos esta temática, pois acreditamos que este movimento serviu de repertório e inspiração para as ocupações que ocorreram em todo o Brasil no final de 2016.

Ressaltamos que o ano de 2016 foi marcado pelo Golpe contra a presidenta Dilma Houssef, e a partir das escolhas e decisões do governo golpista, várias das esferas sociais de classe baixa sofreram cortes e congelamentos, inclusive a educação pública. Dentre as propostas do governo em relação à educação, três chamaram a atenção naquele ano: a proposta da reforma do ensino médio, a proposta de emenda constitucional que congelava o teto de gastos, e a escola sem partido, com a “lei da mordaza”. Sendo assim construímos uma breve análise acerca das ocupações em um âmbito nacional, decorrentes de movimentos contra a reforma do ensino

médio (Medida Provisória 746/2016), e a Proposta de Emenda Constitucional do teto de gastos (PEC 55/2016), tais medidas propostas pelo governo que acarretariam problemas graves no âmbito educacional no Brasil.

Os movimentos de ocupação vieram como forma de resistência contra as reformas, e a organização coletiva dos jovens estudantes foi um ponto importante para que o movimento ganhasse força e legitimidade. Refletimos sobre qual o jovem presente na rede pública de ensino médio, bem como suas particularidades; a forma de organização das ocupações pelos estudantes, sua horizontalidade e a divisão de tarefas, bem como o apoio por parte dos professores e da população; o uso dos meios digitais de divulgação e propagação das ocupações em duas páginas virtuais, criadas especificamente pelas escolas ocupadas em Ituiutaba, e entrevistas com quatro ocupantes das duas escolas ocupadas em Ituiutaba – MG, sendo estas a Escola Estadual Governador Israel Pinheiro e a Escola Estadual Coronel Tônico Franco.

Partindo da hipótese que os jovens estudantes de ensino médio organizaram as ocupações escolares em 2016 de forma horizontal e igualitária, pretendemos contribuir no âmbito científico com uma pesquisa que envolva juventude, movimento estudantil, novas formas de organização e novas redes sociais; questões que envolvam as temáticas anteriores, bem como uma relação entre o ensino médio e os estudantes da rede pública que participaram das ocupações escolares em 2016, na cidade de Ituiutaba MG.

A organização utilizada para a escrita deste trabalho é a partir dos seguintes pontos: breve análise acerca da juventude presente no ensino médio público, construção de uma discussão acerca das reformas propostas pelo governo no ano de 2016, desde o golpe até as propostas de reformas pelo governo, apresentação e análise mais profunda sobre as ocupações escolares ocorridas no fim de 2016, tanto no âmbito nacional, como também na cidade de Ituiutaba MG, com foco em duas escolas estaduais: Escola Estadual Governador Israel Pinheiro e a Escola Estadual Coronel Tônico Franco. Por fim, trouxemos quatro entrevistados que participaram das ocupações, sendo dois ex-alunos, uma universitária, e uma mãe de aluna.

Neste primeiro capítulo é trazer um apanhado geral de questões e conceitos que estaremos discutindo no decorrer da dissertação. Pretendemos apresentar as divisões dos capítulos, bem como o que foi discutido em cada um deles.

O objetivo do segundo capítulo é discorrer sobre a juventude presente nas escolas públicas, estudantes de ensino médio, dando ênfase aos que participaram das ocupações escolares ocorridas no Brasil, inicialmente no Estado de São Paulo em 2015, e posteriormente

os estudantes que ocuparam escolas no final de 2016, focando nos jovens do interior de Minas Gerais. Discutir o termo juventude no Brasil é um ponto importante, no entanto apontaremos algumas questões pertinentes para debate desta dissertação, ao invés de construir o conceito de juventude como um todo no Brasil. Pretendemos fazer uma breve apresentação do início das ocupações escolares ocorridas no Brasil, inicialmente na cidade de São Paulo, ocasionado pela proposta de redistribuir os alunos e fechar.

No terceiro capítulo desta dissertação, apresentamos a cidade de Ituiutaba- MG, situada no pontal do Triângulo Mineiro, sua população em algumas características pontuais. Após isto, também apresentamos o mapa da cidade, e a localização das duas escolas estaduais que foram ocupadas, situadas em dois bairros diferentes. Discorreremos também sobre as duas páginas virtuais criadas na rede social *Facebook*, onde serviram de meio de comunicação, divulgação e propagação das atividades que iam sendo desenvolvidas nas ocupações. Trouxemos imagens de publicações, roteiros de atividades e fotografias das ocupações, pertencentes ao acervo desta pesquisa.

As redes sociais digitais são um capítulo especial nesse cenário e parecem ocupar boa parte das práticas sociais contemporâneas chegando, às vezes, a configurar-se como o que alguns denominam de “vício”. Um exemplo da “dependência” da participação nas redes sociais pode ser visto no depoimento de um jovem que tentou sair do Facebook: “Pensei em ficar fora uma semana pelo menos, mas não dei conta de ficar nem um dia. Vi que se eu não estiver lá, eu não vou existir como ser humano.” (SALES, 2014, p.230)

No quarto e último capítulo, divulgamos os resultados de quatro entrevistas com indivíduos que participaram das ocupações nas duas escolas que participaram do movimento. Dos quatro entrevistados, dois participaram das ocupações na escola Tônico Franco, e dois participaram das ocupações na escola Israel Pinheiro, sendo estes dois ex-alunos, um de cada escola, uma universitária e uma mãe de aluno. As entrevistas foram realizadas a partir de apontamentos e direcionamentos feitos no momento da qualificação, onde foi dialogado sobre a importância de dar voz aos sujeitos que participaram dos movimentos de ocupações. Os resultados obtidos foram essenciais pela importância que damos ao movimento de ocupações escolares em 2016.

As motivações desta pesquisa partem de experiências pessoais que conseguimos durante o movimento das ocupações em 2016, pois estivemos presentes em alguns dias nas ocupações, obtendo contato com os alunos, professores, pais, universitários e apoiadores do movimento. Estaremos esclarecendo de uma melhor forma no Memorial, onde apresentaremos os principais motivos que nos provocaram e incentivaram a escrever esta dissertação de mestrado.

Por fim, trouxemos nas considerações finais do texto dissertativo, de forma breve, um apanhado de todas as questões que ressaltamos como importante discutidas no texto. A partir daí, novos balanços e novas possibilidades podem ser encaminhadas. Nesta pesquisa, conseguimos obter discussões sobre a juventude que está presente no ensino médio na rede pública, novas formas de organização juvenil e estudantil, o uso das redes sociais como ferramenta para divulgação e propagação de movimentos sociais, e a análise da voz dos sujeitos das ocupações que ocorreram na cidade de Ituiutaba – MG.

### ***MEMORIAL***

Como experiência particular atuando como professor de História na rede pública, na Escola Estadual Coronel Tônico Franco, foi possível perceber várias questões que envolvem os jovens alunos de ensino médio. Um ponto que consideramos importante é o relacionamento cotidiano com os alunos, sendo perceptível as singularidades e opções de cada um obtém em suas vidas, suas escolhas e suas percepções de mundo particulares. Por mais que os gostos e interesses particulares dos jovens presentes no ensino médio público sejam diversificados, o fato de pertencerem a uma turma A, B ou C já os aproxima e constitui um caráter de união, além do convívio diário que proporciona relacionamentos e diálogos de experiências pessoais.

Além da experiência profissional atuando como professor de história que obtivemos com os alunos, pudemos participar de projetos durante a graduação que proporcionaram momentos ricos de observação em relação aos jovens do ensino médio, tanto no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), como também no Programa de Educação Tutorial (PET). Percebemos a importância que os jovens estudantes possuem nas ações dentro da escola, desde a organização de eventos, a participação de atividades, as confecções de trabalhos, dentre outras questões.

No período que estivemos na escola Tônico Franco, tanto atuando na docência quanto como bolsista de PIBID, duas questões relacionadas aos alunos nos chamaram atenção, estas duas observações se deram em atividades, uma delas era a produção de desenhos com grafite, e a outra envolvia músicas. Estas duas atividades ocorreram pouco tempo antes das ocupações em fins de 2016, e o que pudemos observar foi como aquelas atividades demonstraram um caráter de união entre os jovens alunos. A atividade do desenho de grafite envolveu praticamente todos os segundos anos de ensino médio da escola, e a atividade das músicas envolveu os terceiros anos. O que notamos foi um caráter de união e identidade entre eles,

aquelas ações os aproximaram, e os mantiveram ainda mais unidos nos movimentos de ocupação naquela escola.

Durante as ocupações escolares em 2016, estivemos presentes na Escola Estadual Coronel Tonico Franco, e conseguimos observar de perto algumas ações dentro da escola. Desde as atividades que eram programadas, bem como os roteiros e planos de eventos que ocorreriam nos dias futuros da ocupação. A forma de organização e diálogo dos alunos chamou atenção pela horizontalidade, todos tinham a chance de opinar e dar ideias para as próximas ações, e a criação de comissões de divisões de tarefas facilitou as incumbências e responsabilidades. A utilização das redes sociais para a divulgação dos acontecimentos que ocorreriam nos dias das ocupações, tudo isso foi de grande importância para os alunos, e também para aqueles que os apoiavam e os observavam.

Naquele momento estávamos encerrando o curso de História, pela Universidade Federal de Uberlândia, com a temática da monografia em se tratando do período das eleições de 1989, desde Collor eleito até o fim de seu mandato, com a juventude dos “caras-pintadas”, e como ela contribuiu para o *impeachment* do ex presidente Fernando Collor de Melo. A relação das juventudes com o momento de ocupações foi perceptível, e a partir daí foi possível construir um projeto de mestrado que buscasse analisar aqueles processos de ocupações.



## **Capítulo 2. A Juventude e as Ocupações Escolares no Brasil**

### **2.1 Qual a juventude presente nas escolas públicas de ensino médio? Um balanço sobre questões que envolvem a juventude no Brasil**

Pretendemos neste tópico abordar questões que envolvem o conceito de juventude, além de buscar definições que melhor se encaixem na sociedade brasileira. A partir de algumas definições discutidas ao longo do texto, pretendemos relacionar o conceito de juventude com os jovens presentes na rede pública de ensino médio no Brasil. Como já foi apresentado no Memorial, pretendemos trazer discussões que envolvem relações com os projetos universitários dentro da escola e como a presença do público fora da escola pôde contribuir os movimentos de ocupação que ocorreram no Brasil.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Educação Tutorial (PET) constroem projetos que vão além de planejamentos, intervenções e observações, eles possibilitam a interação com os estudantes promovendo um contato maior com a juventude. A inserção na escola durante estes programas e durante a atuação profissional efetivou o caráter desta pesquisa, pois foi possível perceber o quanto a juventude presente na escola pública podem surpreender positivamente tanto no quesito educacional, bem como no sentido da criatividade que os jovens promovem nos espaços que ocupam.

Fornecer algumas chaves analíticas que possam facilitar o processo de aproximação e conhecimento dos estudantes que chegam à escola como jovens, sujeitos de experiências, saberes e desejos. Eles se apropriam do social e reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo a partir de uma representação dos seus interesses e de suas necessidades; interpretam e dão sentido ao seu mundo. É nessa direção que não podemos trabalhar com a noção de que existe uma juventude, pois são muitas as formas de ser e de se experimentar o tempo de juventude. Assim, digamos: juventudes. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.102)

Ao trazer a citação de Dayrell e Carrano acima, podemos estabelecer que o jovem não é um sujeito que chega na escola como uma “folha branca de papel”, ele está carregado de particularidades e singularidades que os fazem diferentes entre si. Mais à frente pretendemos trazer alguns trechos que exemplificam esse texto. O sentido de juventude é apresentado como uma forma que explicita as inúmeras características e individualidades dos jovens brasileiros,

pois não há uma juventude, mas várias que podem ser caracterizadas por contextos e esferas sociais.

Tem sido recorrente a importância de se tomar a ideia de juventude em seu plural - juventudes -, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os sujeitos. Mas, no limite, assumir somente a diversidade pode levar a outras imprecisões, pois, ao pensar apenas sob o ângulo da heterogeneidade de modos de vida, não poderíamos mais tratar da juventude como categoria social, de modo que ela estaria totalmente diluída pelas outras formas de vida dos sujeitos na sociedade e os jovens não constituiriam mais foco de atenção: seriam privilegiados seu pertencimento de classe, suas origens étnicas, sua condição de homem ou mulher, etc. (SPOSITO, 2004, p.74).

Além de ser apenas uma palavra que encaixa diversos tipos de particularidades, é necessário assumir uma compreensão de que juventude é mais que apenas uma categoria cultural. Essa definição está repleta de desafios e perspectivas que propõem discutir os sujeitos e estruturas que nela se compõem. É essencial entender as juventudes como um processo de crescimento abrangente, onde se permite contornos e especificidades ao longo das experiências vividas em seu contexto social, longe de entendê-la apenas como uma fase de preparação para a vida adulta.

Dessa discussão queremos reter que estamos entendendo a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesmo. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. (DAYRELL, 2001, p. 18).

Então podemos compreender que o termo juventudes expressa mais sentido no tocante aos temas que pretendemos abordar neste trabalho. Os modos de ser e a influência social estão ligados aos vários significados que o termo juventude agrega. Como trouxemos anteriormente, ao se trabalhar as juventude nas escolas públicas brasileiras, devemos empreender uma discussão sobre o contexto social que estes jovens estão ligados. Existe uma produção considerável para se trabalhar os conceitos de juventude, no entanto, precisamos levar esta discussão a um ponto maior, que é o estudo sobre os jovens estudantes que estão presente nas salas do ensino médio público no Brasil. Fávero nos traz algumas considerações sobre este fato, como podemos observar a seguir:

A temática da juventude é muito estudada hoje em dia, com uma vasta produção acadêmica, entretanto, poucos são os estudos direcionados aos jovens que vivem nas periferias. A maioria das pesquisas oscilam entre o protagonismo social juvenil e relações entre escola, família e trabalho, mas poucos são estudos direcionados para os jovens concretos, sobre como eles vivem, sentem, pensam e agem. Esta é nossa proposta, buscar a cotidianidade e experiências destes jovens, necessidades e expectativas, estruturas e sujeitos. (FÁVERO, 2017, p.13)

Fávero vai além de compreender o sentido de juventude, e seu objetivo é direcionar a pesquisa aos jovens que vivem nas periferias, indo além das discussões que envolvem escola, família e trabalho. Vale lembrar que o projeto deste autor busca empreender uma pesquisa sobre os jovens envolvidos nas lutas por terra e moradia no Glória, em Uberlândia-MG. De maneira sintética, este autor pretende acompanhar o cotidiano dos residentes da periferia deste bairro, que ocuparam instalações de um dos Campus da Universidade Federal de Uberlândia, situado na zona leste da cidade, na BR-050. É importante trazer as propostas e resultados da pesquisa deste autor por se tratar diretamente de temas envolvendo juventudes, ocupações e buscas por direitos.

A área conhecida como Glória é uma parte do futuro campus da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), localizada à zona leste de Uberlândia, às margens da BR-050, possuindo em torno de 65 hectares e avaliadas em torno de R\$ 30 milhões. A ocupação se deu como desdobramento de um despejo de outra ocupação aos redores da Central Estadual de Abastecimento de Uberlândia (Ceasa) entre janeiro e fevereiro de 2012. Foi batizado de bairro Élisson Prieto, em homenagem ao professor da UFU pelo apoio ao movimento - antes dessa homenagem, era conhecido como Assentamento Paulo Freire. Hoje, a ocupação possui em torno de 2200 famílias, de acordo com a coordenação do Movimento Sem-Teto do Brasil (MSTB). (FÁVERO, 2017, p.16)

Vale ressaltar que para que Fávero empreendesse sua pesquisa no local, tendo contato direto com os jovens da região, foi necessário produzir uma discussão sobre juventudes e suas particularidades. Pode-se compreender como essencial esta forma de discussão, e pretendemos elaborar um texto que perpassasse os mesmos caminhos.

Retornando às questões sobre juventudes, evidenciamos elementos que são fundamentais para relacionarmos fatos que envolvem os jovens na atualidade, perpassando por questões culturais e políticas, bem como de religião e trabalho. É necessário entender os limites que cada jovem percorre para que sua individualidade e seus gostos sejam evidenciados, pois, continuamente, há a influência de pensamentos e modos de vida impostos pela sociedade capitalista que impedem o jovem de obter experiências e atingir novos conhecimentos. Nesse

sentido, o autor expõe algumas considerações sobre as relações sociais e a formulação de sujeitos pela sociedade:

Investigar a juventude em sua totalidade exige um amplo olhar sobre as diversas relações sociais em que eles estão inseridos, pois, para além das relações socializadoras de família, trabalho, educação e religião, ainda temos a particularidade da sociabilidade juvenil criada e vivenciada, assim como toda uma lógica de produção cultural capitalista que contribuem na constituição da experiência juvenil. Da mesma forma, são sujeitos disputados pelas instituições e políticas públicas, pela mídia, pela religião, colocando limites, mas também possibilidades de ações e resistências para esses sujeitos que vivenciam essas diversas relações sempre a partir da perspectiva de classe - são jovens da classe trabalhadora, estando, na perspectiva de renda, entre os estratos mais baixos da sociedade. (FÁVERO, 2017, p.14)

A presença da mídia e da religião no cotidiano nos jovens, como citado acima, é significativo para a construção da personalidade das juventudes no Brasil. Ao adentrarmos em uma sala de aula do ensino médio na rede pública, é possível perceber as singularidades dos jovens com relação às práticas religiosas, aos gostos por determinados ritmos musicais, ao uso do smartphone, dentre outras inúmeras características. É importante ressaltar, como Fávero já afirmou anteriormente, que na perspectiva de renda em comparação com as demais classes, o jovem trabalhador ocupa os estratos mais baixos da sociedade, seja pelas más condições de trabalho, e também pelo baixo valor de salário pago pelas empresas aos iniciantes no mercado de trabalho.

No entanto, não são todos os jovens que possuem acesso à esta tecnologia, por estarem presentes em classes trabalhadoras que ganham menos e as condições financeiras não os condicionam a possuir acesso à internet. Também pelo fato de que alguns jovens nem sequer possuem perfis nas redes sociais, por motivos pessoais, até mesmo religiosos, ou por falta de tempo e desinteresse com as mídias sociais. O que podemos ressaltar é que as juventudes não são vistas com o devido respeito pela sociedade, a falta de escolaridade, desemprego, violência, dentre outras que Fávero também expõe, são questões que envolvem o jovem e fazem parte da sua luta diária.

Os jovens, muitas das vezes são vistos, principalmente pelo Estado e instituições, como um problema, sobretudo um problema de inserção social, perpassando pelas necessidades de inserção cultural, pela educação, assim como a inserção na vida produtiva. É uma visão muito simplista da juventude, porém significativa, considerando que os jovens são os sujeitos mais afetados pelas contradições sociais e que o Brasil apresenta níveis preocupantes quanto à escolaridade, distribuição de renda, violência, desemprego e informalidade. (FÁVERO, 2017, p.14)

O Atlas da violência do IPEA(2017) deixa bem claro a situação dos jovens no Brasil com relação à violência, pois de acordo com o estudo e as estatísticas, a população jovem, negra e de baixa renda continua sendo a maior parte das vítimas de homicídio no país. O Atlas da violência é um projeto lançado pelo IPEA e pelo Fórum Brasileiro de segurança pública, e de acordo com os relatórios, a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negros. O estudo traz números dentre os anos de 2005 a 2015, e ainda apresenta que 47,85% dos homicídios ocorridos no Brasil nesse período se referiam à população jovem de 15 até 29 anos. Abaixo podemos ver alguns números alarmantes sobre a violência contra os jovens brasileiros:

Contudo, os últimos dados disponíveis do Ministério da Saúde nos mostram um recrudescimento do problema, uma vez que, entre 2005 e 2015, observou-se um aumento de 17,2% na taxa de homicídio de indivíduos entre 15 e 29 anos[...] Apesar de esse fenômeno ser denunciado há anos por organizações não governamentais de direitos humanos e movimentos sociais, e de recentemente ter entrado na agenda estatal com a Comissão Parlamentar de Inquérito no Senado sobre o assassinato de jovens, o Estado brasileiro ainda não foi capaz de formular e implementar um plano nacional de redução de homicídios. E qual o resultado da omissão do poder público em relação ao tema? Mais de 318 mil jovens foram assassinados entre 2005 e 2015. (IPEA, 2017, p. 25)

Pode se afirmar que é relevante apresentar os dados acima, em se tratando de juventude. Para construirmos uma noção a respeito das juventudes presentes no ensino médio na rede pública, é importante analisar estes dados que demonstram como os jovens brasileiros são tratados pelo Estado. A violência se mostra contínua, e nenhum tipo de ação para que estes números caiam são tomadas, e ao invés destes dados causarem impacto na grande parte da sociedade, acabam por reafirmar e demonstrar o preconceito intrínseco em cada um. Os jovens brasileiros necessitam de ações afirmativas que façam estes números diminuírem, e o papel da educação é importantíssimo para que isso aconteça.

Mais à frente neste trabalho, entenderemos melhor as ocupações quando os estudantes de São Paulo foram realocados em outras escolas para que algumas fossem fechadas. Este momento representou um grande avanço na discussão com relação às juventudes e a educação no Brasil: as ocupações escolares vão de encontro ao sentido de que o jovem não gosta de ir à escola. Antes de adentrarmos às discussões sobre as ocupações, é necessário constituir alguns elementos que serão importantes para a análise: a busca por uma identidade, além de colaborar com aspectos pessoais e próprios do jovem, também contribui para as ocupações e para a busca de uma escola mais politizada, esta criação da identidade é construída a partir de relações e experiências pessoais.

A juventude, pensada exclusivamente na perspectiva de uma possível crise momentânea, inviabiliza o reconhecimento da riqueza deste momento da vida. Uma análise superficial pode reproduzir as imagens do senso comum e simplesmente ratificar as representações socialmente construídas, do desinteresse e da ausência de compromisso dos jovens como expressão desta fase. Não obstante tais representações, entendemos o jovem como um sujeito de direitos, como um ator social em suas trajetórias e experiências, capaz de interagir e interpelar a sociedade a qual se encontra inserido. (MARTINS, 2010, p.45)

Durante o período que estivemos em maior contato com os bolsistas e atuantes do PIBID, algumas ações foram planejadas para promover um diálogo melhor entre professores, alunos e direção, como exemplo a organização de um recreio coletivo, onde todas as “esferas” escolares deveriam preencher o mesmo espaço. Atividades como esta, mesmo que estejam limitadas a um determinado tempo exclusivo de recreio, podem promover um sentimento de igualdade entre os jovens pois, estar no mesmo espaço que os professores “adultos”, compartilhando a mesma refeição e podendo obter um diálogo menos “engessado” do que o da sala de aula, pode construir no aluno um sentimento de valor, de ser importante naquele ambiente.

Neste trabalho construímos um texto sobre os movimentos estudantis de ocupações, analisando as ocupações escolares ocorridas no Brasil, trazendo um pouco de 2015 no estado de São Paulo, mas com foco principal em 2016 na cidade de Ituiutaba-MG, e nessa percepção podemos evidenciar como os jovens aderiram aos movimentos de ocupações, muito pelo fato da presença deles nas escolas ocupadas, nos momentos de organização e participação durante as ocupações. As ocupações trouxeram algo novo, a voz ativa dos jovens estudantes na escola, assim como Dayrell e Carrano, que o jovem pode obter voz ativa dentro da escola:

Nas aproximações que fazemos dos jovens estudantes por meio de pesquisas e mesmo em conversas informais, também ouvimos constantes reclamações em relação à escola e aos seus professores. Para grande parte dos jovens, a instituição parece se mostrar distante dos seus interesses e necessidades. O cotidiano escolar é relatado como sendo enfadonho. Jovens parecem dizer que os professores pouco acrescentariam à sua formação. A escola é percebida como “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Nesse caso, a noção de “culpa” se inverte e o professor aparece como o culpado das mazelas que os jovens relatam enfrentar no cotidiano escolar. (DAYRELL ; CARRANO, 2014, p.102)

O desestímulo à presença dos jovens nas escolhas importantes e nos momentos de debate, sejam da escola ou de outras esferas da sociedade, nos remete ao preconceito criado pela sociedade com relação aos jovens. Existe a pretensão de uma caracterização dos jovens

pobres no ensino médio por parte da sociedade brasileira, na maioria das vezes, os relacionando com diversos fatores que vamos explorar no decorrer deste texto.

É essencial que os professores e o corpo da direção tenham um posicionamento que envolva mais os jovens no período escolar. Porque, em grande parte das vezes, sejam por meio de pesquisas ou até pelo contato pessoal com os alunos, é perceptível a visão negativa que eles possuem sobre a escola, e a maneira que suas vozes acabam sendo reprimidas, o engessamento de suas vozes e ações acabam por resultar em conflitos com os professores e até mesmo entre os alunos, e assim se associam aos atos de violência ocorridos nas escolas. No entanto, esses atos precisam ser vistos não em busca de um culpado, como aluno ou professor, mas reflexo de um cotidiano exaustivo que enfrentamos no ambiente escolar. Este cotidiano exaustivo se relaciona também com a violência escolar, bem como com a violência sofrida pelos jovens fora do ambiente escolar, muito disso em preparação para o mercado de trabalho, com o cumprimento de horas, faltas, situações que devem ser cumpridas com horário pontual.

O jovem é reprimido dentro da escola quando não tem voz ativa, bem como é reprimido fora da escola, seja durante o trabalho e principalmente em momentos de lazer, quando se reúne em espaços públicos, e tem sua figura envolvida com um lado marginalizado da sociedade. O ambiente escolar reflete a vida cotidiana fora da escola, sejam os horários a serem cumpridos pontualmente, sejam com o não alcance de notas, em relação ao cumprimento de metas, bem como a divisão social que ocupam tanto dentro quando fora da escola.

Essa “obrigação necessária”, como Dayrell e Carrano comentam, resulta em vários momentos de tensão entre professor e aluno, sendo que, o verdadeiro problema pode estar na forma que o jovem aluno é tratado e ouvido dentro da escola, como já citamos acima. A tendência do “enfadonho” cotidiano escolar é o afastamento da escola, até que finda no seu abandono total, deixando a escola e buscando novos rumos. Como já disse anteriormente, grande parte dos jovens estudantes do ensino médio no Brasil já trabalham ou estão à procura, visto que são de classes trabalhadoras e necessitam de recursos para conquistar e manter determinados bens, como roupas e calçados, além de *smartphones*, e também para momentos de lazer.

O jovem que trabalha, possui dificuldades em relação ao tempo gasto no ambiente de trabalho e na escola, as necessidades e condições pessoais de vida o forçam ao abandono escolar, e assim vê que o caminho mais fácil é abandonar os estudos e focar na venda da sua força de trabalho, visto que os horários, na maioria das vezes, coincidem, de certa forma o empurrando para o estudo em horário noturno. Assim, também é necessário escolher o que é

mais importante naquele momento: enfrentar o cotidiano escolar, ou vender a força de trabalho para suprir necessidades básicas para a vida, como alimentação, moradia, saúde, dentre outras condições básicas da vida, que são, na maioria das vezes, impossibilitadas por sua condição social, o forçando ao mercado de trabalho, mesmo que o oferecendo condições precárias.

Em um pensamento crítico coerente, infelizmente, a escola perde espaço na vida dos jovens com relação ao trabalho, por mais que o mercado de trabalho seja concorrido e as condições não sejam tão boas, receber um salário mínimo faz a diferença em uma família de baixa renda, que vive na periferia e precisa de recursos para se manter. Em uma experiência pessoal como professor, em uma sala de ensino médio público, decidi fazer uma pequena pesquisa, e o número de alunos trabalhadores era considerável, mais de 50% em uma sala com cerca 40 jovens. E se por um lado a escola pode fazer a diferença na vida dos jovens, o trabalho também possui sua importância, muito além do capital que ele gera para seu sustento, no sentido de que as relações interpessoais e as experiências vividas contribuem para a sociabilidade juvenil. Nesse ponto, Dayrell nos traz algumas considerações a respeito, no tocante que o trabalho e a escola podem construir relações e condicionar ao jovem experiências importantes:

No Brasil, a juventude não pode ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, como é comum nos países europeus. Ao contrário, para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo. Mas isso não significa, necessariamente, o abandono da escola, apesar de influenciar no seu percurso escolar. As relações entre o trabalho e o estudo são variadas e complexas e não se esgotam na oposição entre os termos. Para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas, de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. Nesse sentido, o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil, podendo-se afirmar que “o trabalho também faz a juventude”, mesmo considerando a diversidade existente de situações e posturas por parte dos jovens em relação ao trabalho. (DAYRELL, 2007, p.1109)

Segundo Dayrell, não é somente a escola que proporciona relacionamentos importantes para a condição juvenil no Brasil, o trabalho também cumpre este papel, se levar em conta as experiências pessoais e a diversidade de situações do cotidiano que moldam determinadas questões para o jovem. Existem situações no cotidiano das juventudes que se assemelham tanto na escola como no trabalho, como pontualidade, deveres, obrigações, a escola forma o aluno para trabalhar. O que pretendo explicitar é que ambas as instituições, escola e trabalho, possuem características que proporcionam ao jovem a essência da identidade, as relações e experiências



interpessoais dentro destes ambientes podem direcionar e possibilitar ao jovem a busca pela sua identidade.

O movimento também está presente na própria relação com o tempo e o espaço. A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade. Mas, também, pode ocorrer no interior das instituições, seja no trabalho ou na escola, na invenção de espaços e tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais. Enfim, podemos afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade. (DAYRELL, 2007, p.1111)

Assim como Dayrell afirma acima, estes movimentos de busca por identidade também se dão nos momentos de intervalo entre uma “obrigação” e outra, seja no tempo livre, de folga e descanso, bem como nos momentos em que percorre o caminho para a escola e para o trabalho. Ao mesmo tempo em que tratamos as relações entre escola e trabalho, Dayrell já nos traz uma questão de busca por identidade nestas duas esferas. Nesse sentido, a observação que as juventudes fazem do outro sujeito, seja adulto ou até mesmo jovem, como um modelo a se seguir, faz parte da condição juvenil. Viana nos apresenta a seguir, algumas questões a respeito da busca pela identidade, a partir da observação e da seleção de “escolhas” à partir dos seus valores pessoais:

A experiência e a observação são referentes às relações sociais, bem como a reflexão se realiza, também, sobre um material social. O próprio processo de experiência, reflexão e observação é social, pois um indivíduo não observa tudo que o cerca ou acontece, mas somente o que ele seleciona de acordo com seus valores, que são constituídos socialmente. Se a formação da identidade é um processo social, então se torna necessário entender o papel do Outro e sua importância neste contexto. A identidade é a auto-imagem do indivíduo produzida por ele e para ele, mas também pelos outros e para os outros. O indivíduo, enquanto ser social, forma sua identidade através do seu processo de socialização e a auto-imagem que faz de si é, também, um produto social. (VIANA, 2009, p.146)

As definições que o autor aponta acima sobre a formação da identidade são fundamentais para entendermos alguns processos que o jovem perpassa durante sua vivência nos espaços em que ele se socializa. Por mais que a identidade seja uma autoimagem, como o autor se refere acima, que é realizada pelo jovem e para ele, esta imagem também deve representar algo pelos outros e para os outros. Suas escolhas devem ser determinantes tanto pessoalmente quanto no coletivo, por isso, o processo de socialização que as juventudes passam

tanto dentro da escola, trabalho, dentre outros lugares, são importantes para analisarmos suas escolhas e definições particulares sobre determinadas questões. Vale ressaltar que a busca pela identidade não é um processo específico que ocorre com os jovens, este processo pode decorrer o período de uma vida inteira. Vale lembrar que a busca e a formação da identidade é um processo de reflexão e observação simultâneas, onde os indivíduos julgam a si mesmos a partir dos julgamentos e escolhas dos outros, mesmo que filtrando determinadas situações.

No caso específico da juventude, ela é constituída num conjunto de relações sociais instituídas pelos adultos e ganham sua posição social específica devido à ação destes últimos. Para ter esta posição específica e para assumir o papel de adulto posteriormente, o jovem é oprimido e controlado em várias instituições (família, escola, etc.). No entanto, além destas relações sociais concretas existe a esfera da consciência, onde se coloca a questão da identidade, da auto-imagem, e de seu processo de formação. O mundo adulto não só impõe um processo de ressocialização, que é a base unificadora e social da juventude, como também uma imagem da juventude, que será o ponto de partida para a criação da auto-imagem por parte desta. A imagem da juventude produzida pelo mundo adulto é aquela produzida pelas diversas ciências, pelos meios de comunicação de massas, pelas representações cotidianas, etc. (VIANA, 2009, p.149)

Pensar a formação da identidade juvenil a partir das relações sociais obtidas com os adultos podem tornar o jovem como um ser incompleto, um momento transitório de passagem para a vida adulta. É necessário pensar que o jovem não está somente correspondendo às suas escolhas a partir da relação com os “padrões adultos” que o são apresentados, é preciso pensar que há uma relação de troca de experiências entre os espaços que ele está presente. Deve ser entendido que sua identidade não é formada somente com base em sua relação com os adultos, mas sim com tudo aquilo que cerca seu cotidiano, que permeia suas relações sociais perante o mundo. Nesse entendimento, Viana discorre sobre o processo de produção de identidade por parte dos jovens:

A identidade da juventude é produzida no jogo das relações sociais, mas que pode apresentar rupturas em determinados momentos históricos, no caso das grandes transformações sociais. Além disso, as diferenças no interior da juventude (de classe, cultura, etc.) promovem diferenças neste processo embora não sejam tão significativas para negar o sentimento de pertencimento à juventude, a não ser em casos individuais raros, derivados de uma constituição psíquica particular oriunda de relações sociais também singulares. A identidade da juventude é uma tradução de sua situação social real, interpretada e reinterpretada pelas ideologias, representações cotidianas, meios de comunicação, instituições, etc. (VIANA, 2009, p.153)

Como o autor cita acima, é importante ressaltar que a identidade da juventude é uma tradução da situação real em que ele vive em determinado contexto social, seja influenciado por

meio de ideologias, instituições como a escola e o trabalho, que já citamos anteriormente, e também pelos meios de comunicação. Quando o autor traz que os meios de comunicação podem influenciar as juventudes na pretensão de atingir sua identidade particular, podemos relacionar vários meios que fazem parte dessa influência: como atualmente redes sociais, a televisão, as mídias sociais na internet, dentre outras que apresentaremos ao longo desta dissertação.

No entanto, o ponto que pretendemos chegar quando trouxemos questões sobre a busca da identidade pelo jovem, não envolve questões totalmente relacionadas com as experiências com os adultos, e sim as experiências voltadas de jovem para jovem. Exemplificando de maneira mais clara, analisaremos a questão do jovem estudante de ensino médio público no Brasil a partir de suas relações com outros jovens, pensando a partir do convívio seja dentro da escola ou em outros espaços. A busca por uma identidade pode estabelecer a criação de determinados grupos específicos, que partilham do mesmo gosto e práticas, além de definirem padrões básicos para pertencer à determinado espaço. Contudo é preciso estabelecer que as práticas desses jovens não são semelhantes, e se guiam a partir da intenção que sua coletividade constitui e determina. A partir desses argumentos, Dayrell também propõe uma reflexão acerca das práticas juvenis com relação à identidade:

É preciso enfatizar que as práticas culturais juvenis não são homogêneas e se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar, num contexto de múltiplas influências externas e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico. Em torno do mesmo estilo cultural podem ocorrer práticas de delinquência, intolerância e agressividade, assim como outras orientadas para a fruição saudável do tempo livre ou, ainda, para a mobilização cidadã em torno da realização de ações solidárias. (DAYRELL, 2007, p.1110)

Pensar uma coletividade juvenil necessita investigar quais os interesses estabelecidos pelo grupo, além de buscar entender quais práticas culturais predominam sobre aquele coletivo. E vale lembrar que até mesmo dentro de determinados círculos, não há soberania de saberes, práticas e objetivos específicos definidos, a coletividade juvenil está ligada a estes pensamentos, se elencarmos a grande variedade de grupos presentes em determinados locais específicos, como a escola, o trabalho, os locais de encontro para lazer, como praças, cinemas, teatros, bailes, shoppings, locais religiosos, dentre outros. O estilo próprio que cada grupo defende pode sofrer variações de acordo com os locais que os integrantes se encontram. Os elementos culturais que cada grupo de jovens compartilha pode ir de estilos musicais, esportes, até tatuagens e piercings. Dayrell comenta abaixo sobre os estilos que os jovens escolhem para seguir:

O estilo constitui, assim, uma combinação hierarquizada de elementos culturais, na forma de textos, artefatos e rituais, que no nosso caso tem na música o elemento central. [...] O estilo também se manifesta muitas vezes na criação de uma linguagem própria ou na apropriação de expressões e gírias utilizadas em outros meios; na utilização de elementos estéticos visíveis (roupas ou cortes de cabelos), como também na participação em atividades ou eventos próprios de cada um deles. Dessa forma, asseguram a demarcação de diferenças com o mundo dos adultos e com outros grupos juvenis. Longe de ser uma combinação arbitrária, as expressões culturais levadas a cabo pelos jovens nos mais diversos estilos assumem um papel na recriação das identidades individuais e coletivas. (DAYRELL, 2001, p. 26).

Assim como Dayrell aponta acima, é importante salientar que dentro dos grupos de jovens existem características coletivas e individuais, no entendimento que cada jovem possui interesse em ter um estilo próprio, mesmo que o coletivo determine alguma distinção para os notarem dentre os demais. Como exemplo podemos citar grupos em que os jovens possuem tatuagens, ou cortes de cabelos próprios, ou utilizem roupas que os destaquem dos outros. Por mais que a maioria siga um estilo determinado, alguns não fazem atributo de todas as especificidades, no sentido de que as tatuagens necessitam de autorização dos pais, e até mesmo *piercings* ou brincos alargadores, ou ainda o alto custo para a utilização destes atributos podem afastar alguns jovens. O que pretendemos dialogar neste parágrafo é que mesmo existindo uma combinação hierarquizada em um grupo de jovens, não é possível obter algo homogêneo, mesmo obtendo expressões culturais específicas.

A definição que obtemos por este sentido de busca de identidade é que os jovens que estão na rede pública de ensino no Brasil, procuram fazer parte de algum grupo que os faça sentir integrado e ao mesmo tempo relevantes para o local que eles estão envolvidos. Com a produção de uma atividade ligada ao PIBID, tivemos a possibilidade de observar grupos que possuíam gostos diferentes, estilos diferentes, e práticas dentro da escola que os tornavam distintos dos outros. Podemos citar alguns grupos que conseguimos observar durante o período de aulas na escola, entre os jovens possuíam: grupos com determinados gostos musicais, prevalecendo o sertanejo e o *funk*, a presença de grupos religiosos também é notável, mais visível os que usam roupas e cabelos diferentes dos demais.

Além de grupos relacionados à estilos musicais e religião, existem os alunos que são envolvidos em esportes, que participam dos campeonatos estudantis, também há os alunos que praticam desenhos e se reúnem para mostrar e divulgar suas estampas e figuras. Quando estávamos no PIBID, houve uma atividade que envolvia os desenhos feitos na escola pelos alunos com um projeto de pichar os muros na parte de dentro, um documentário intitulado “Picho” foi apresentado nas salas do 3º ano, e os alunos envolvidos com a atividade pintaram

os muros de branco para que posteriormente os desenhos e escritas fossem feitos na parede, no entanto, a direção acabou proibindo a atividade poucos dias antes da data, alegando que não seria possível dar sequência ao projeto. Por mais que a atividade tenha sido interrompida, um grupo de desenhistas foi descoberto na escola, com talentos para desenhar e caricaturar, além de expressar traços e cores. Esta atividade contribuiu para que os jovens entendessem que a arte está presente tanto na música, quanto na escrita e no desenho, além dos espaços que eles integram, tendo a escola como exemplo. Assim, Dayrell nos cita que a condição juvenil transforma qualquer lugar em um espaço de relações sociais:

Essas diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em lugar, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados. (DAYRELL, 2007, p. 112).

As juventudes procuram se expressar de diversas maneiras, além da busca pela identidade, e vale lembrar que existem jovens que possuem gostos específicos e atitudes singulares. O que não podemos é caracterizá-los e associá-los apenas como um público que “está passando por um momento”, ou que estão apenas numa “fase”, isso contribuiria ainda mais para os preconceitos estabelecidos pela sociedade. Entretanto, podemos distingui-los entre si, por meio de práticas e usos de artefatos como roupas, cortes de cabelos, tatuagens, além dos gostos musicais e por esportes. Os espaços que eles utilizam também demonstram a realidade social dos grupos, que partilham muito além dos mesmos gostos, mas também as dificuldades, problemas sociais, problemas de vícios e violência, falta de oportunidades, criação de estereótipos, dentre outras questões. Esteves e Abramovay abaixo comentam sobre como a realidade social interfere na vida dos jovens:

A realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2009, p.21)

A realidade social, assim como os autores citam acima, expõe como existem as diversas juventudes no Brasil, e como este período pode exprimir reações e experiências variadas de acordo com os espaços e momentos que vivem a partir de suas práticas sociais; é importante ressaltar que o jovem produz conhecimento a partir de experiências pessoais, o conhecimento cognitivo expressa grande valor no período juvenil.

A partir dos pontos que apresentamos anteriormente retornaremos à Fávero, quando este cita algumas questões sobre os espaços juvenis, além de números e porcentagens em relação aos jovens de baixa renda. É interessante apresentar os estudos de Fávero por se tratar de jovens de baixa renda que estavam ocupando um espaço em Uberlândia para sua moradia. Vale ressaltar que existiam pessoas de várias faixas etárias, no entanto, seu foco era os jovens que ali estavam morando. Destaca-se que o autor nos apresenta os locais que os jovens entrevistados mais compareciam nos momentos de lazer, e quais eram as suas práticas durante o período de distração e descanso. Abaixo Fávero nos apresenta alguns números relacionados com o tema que estamos discutindo:

Entretanto, partindo dessa categorização (feita pelos próprios jovens), a rua aparece como sub-representada, visto que, quando questionados sobre o que faziam nos momentos de lazer, a maioria respondeu alguma atividade relacionada, de certa maneira, com a rua, somando 21,97%, em que essas atividades giravam em torno de esportes (diferenciado do grupo anterior por ocorrer próximo de casa, enquanto aqueles ocorriam em quadras, campos ou parques com grupos de outros bairros), sobretudo o futebol, de brincadeiras de época, no caso a pipa e, até mesmo, no simples encontrar os amigos e conversar. Em seguida à rua, sair com a família aparece com 17,92%, descansar e aproveitar a família com 16,18%, atividades em casa 14,45%, festas, sair com amigos e beber aparecem com 6,38%, acampar com 4,05% e religião com 2,89%. Houve ainda significativos 15,03% que responderam não ter lazer e apenas trabalhar e/ou cuidar do núcleo familiar e 1,16% que não responderam (FÁVERO; MORAIS, 2015).

De acordo com a pesquisa de Fávero, sair para a rua é uma das práticas mais frequentadas pelos jovens que participavam da ocupação do Glória, sobretudo para praticar esportes, ou soltar pipa, ou ainda se encontrar com amigos. Outros números envolvem o relacionamento com a família, sair para beber com amigos, ou para encontros religiosos. Por fim há uma porcentagem que indica que grande parte dos entrevistados não possuem momentos de lazer, e dividem seu tempo entre trabalho e cuidar da família. São números expressivos, pois demonstram como estes jovens possuem contato entre si e partilham experiências e conhecimentos, e a rua é um espaço que os permite viver e praticar estes momentos de relacionamento, mesmo que não seja uma prática específica e seja apenas um momento para se encontrarem e conversarem. Isto confirma como é importante analisar como os jovens

conseguem se organizar perante suas dificuldades e falta de oportunidades, e os seus momentos de lazer expressam bem a realidade vivida por eles nos caminhos que percorrem. Vale lembrar que existe uma pequena distinção entre os sexos, as práticas não são homogêneas entre garotos e garotas, abaixo Fávero nos traz algumas considerações:

Notamos um padrão nesses espaços entre os jovens pesquisados, sobretudo quanto aos sexos. Enquanto as garotas frequentam lugares como parques, praças e alguns estabelecimentos (lanchonetes, bares, shopping), os garotos costumam encontrar-se, além desses, na rua e alguns pontos públicos, como terminal de ônibus, campos de futebol, ou simplesmente em uma esquina. Notamos também, uma relação desses espaços com as dimensões escolares, de trabalho e familiares, enquanto jovens que estudam tendem a encontrar-se com amigos da escola e do bairro, os que trabalham tendem a relacionarem-se com grupos de pares do trabalho. Já os jovens que assumiram responsabilidades com a constituição de uma nova família, essas relações de lazer e tempo livre giram em torno dos parentes. Mas são percepções que ainda carecem de um aprofundamento empírico que se torna limitado no âmbito dessa pesquisa. (FÁVERO, 2017, p.70)

Enquanto as garotas entrevistadas por Fávero têm o costume de ir à parques, praças e estabelecimentos como lanchonetes, shoppings e bares, os garotos se encontram em outros lugares além destes, como terminais de ônibus, campos de futebol e até mesmo nas esquinas. É essencial apresentar estes dados, pois é possível revelar que alguns grupos tendem a se relacionar com os indivíduos que possuem mais proximidade no seu dia a dia, como os mais próximos de sua residência, ou com os amigos de escola. Também existem os jovens que se reúnem com os colegas de trabalho, e aqueles que assumiram responsabilidade em constituir família, ou então preferem passar os momentos de lazer com os parentes e familiares.

A partir dos temas e questões que discutimos no decorrer deste subtítulo, buscamos levantar questões que envolvessem os jovens e suas especificidades gerais. A partir de leituras prévias estabelecemos pontos como as juventudes e a maneira certa de se construir este termo, pelos vários conceitos que ele compreende. As juventudes no Brasil que estão presentes no ensino médio público compõem-se por grande parte da classe baixa, e nesse sentido podemos estabelecer alguns dados que envolvem os alunos trabalhadores, bem como suas necessidades quanto a escola, bem como suas necessidades básicas que o levam a trabalhar. Por mais que existam jovens que abandonam a escola para se dedicar ao trabalho, o número de alunos trabalhadores no ensino médio é considerável.

É importante ressaltar também que o ambiente escolar possui grupos específicos de alunos, estes grupos se formam à partir de escolhas pessoais e gostos particulares, de juventudes que buscam suas identidades e se permitem fazer parte de conjuntos específicos. Os jovens têm

a necessidade de fazer parte de um grupo que se encaixem e se sintam à vontade para escolher os seus estilos, seus gostos musicais, seus cortes de cabelo e suas expressões de arte. Estes grupos reivindicam seus estilos perante a sociedade, e os jovens buscam seu espaço no ambiente escolar, para assim poder ter mais espaço dentro das escolhas importantes da escola, algo que ainda falta e precisa ser discutido mais a fundo. Por mais que os jovens estudantes do ensino médio público não tenham uma voz tão ativa dentro da escola, suas práticas culturais trazem protagonismo para dentro do ambiente escolar. A relação escola, trabalho e lazer proporciona às juventudes as experiências e relações sociais.

A partir destas questões que discutimos anteriormente sobre as juventudes no Brasil e algumas de suas especificidades, pretendemos construir uma discussão acerca das ocupações ocorridas nas escolas públicas em um tom de manifesto contra os governos, desde as que envolviam a redistribuição de alunos em São Paulo, até as que pretendiam se manifestar contra as reformas do ensino médio e a PEC do teto de gastos, que foram propostas e concretizadas pelo governo federal.



## 2.2 Um breve histórico do início das ocupações escolares no Brasil

Para empreendermos uma pesquisa acerca das ocupações escolares ocorridas no fim de 2016, é preciso construir uma análise acerca do início das ocupações ocorridas no Brasil. Nesta análise que construímos no decorrer deste trabalho, mais a frente pretendemos apresentar e analisar as ocupações ocorridas em duas escolas públicas de Ituiutaba-MG, em fins de 2016, como forma de manifesto e apoio aos professores de greve, os motivos que fomentaram as ocupações envolviam a reforma do ensino médio (MP 746/2016), e a PEC do teto de gastos (PEC 55/2016), vale ressaltar que o movimento obteve participação em todo território nacional, no entanto analisaremos mais a fundo as ocupações em Ituiutaba-MG, por se tratar de um espaço que possuímos maior contato com os alunos, com o movimento, com os professores e também com os pais de alunos que eram adeptos das ocupações.

No entanto, é preciso evidenciar os movimentos que serviram de repertório para que estas ocupações ocorressem em 2016, e para isso devemos retornar ao ano de 2015 no estado de São Paulo, onde ocorreram ocupações por parte dos estudantes, que reivindicaram direitos acerca de seus estudos, seu espaço escolar, e o direito de voz perante o estado. As formas de resistência vista pelos estudantes, envolvia ocupar escolas que pretendiam ser fechadas, para que ocorresse uma reorganização curricular, e assim ocasionando que diversos estudantes fossem transferidos para outras escolas, sem nenhum tipo de realocação mais próxima de suas residências. Abaixo, temos um pequeno trecho sobre estas ocupações escolares em São Paulo:

No Brasil, o movimento de ocupação de escolas públicas organizado por estudantes, como tática de resistência a ações do poder público, teve início no segundo semestre de 2015 no estado de São Paulo. Estudantes secundaristas da capital e de outros municípios paulistas ocuparam escolas em protesto contra a denominada “reorganização curricular” encaminhada pelo governador Geraldo Alckmin, que redundaria no fechamento de escolas e na transferência de estudantes e de professores para as unidades que seriam mantidas em funcionamento. Após um período de tensão entre governo e estudantes, chamando a atenção da sociedade e colocando o assunto em pauta na grande mídia, a ocupação levou o governo a rever a política de reorganização proposta, que acabou por não se concretizar. (MACEDO; ESPÍNDOLA; RODRIGUES; 2016, p.1360)

Por mais que a citação acima traga alguns pontos sobre as ocupações, pretendemos analisar mais a fundo sobre os motivos que permeavam o movimento dos estudantes. É importante ressaltar que a reorganização curricular proposta pelo governo envolve várias observações que iremos tratar no decorrer deste subtítulo. As características de gestões privadas que vêm sendo recorrentemente utilizadas por serviços públicos no estado e conseqüentemente

na cidade de São Paulo, estas práticas são tendências mundiais, como indicam os autores Piolli, Pereira e Mesko na citação abaixo:

Em São Paulo, o modelo de gestão típico da empresa privada de produtividade e qualidade tem sido adotado como paradigma para orientar muitos serviços públicos, submetendo-os a critérios quantitativos de indicadores e de ranqueamento. No que se refere às políticas educacionais, essas medidas acompanham também as tendências mundiais que compreendem a qualidade da educação atreladas à melhoria de indicadores e na posição em rankings comparativos, tais como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). Trata-se, pois, de uma agenda mundializada que conta também, desde a década de 1990, com influência maior dos organismos internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, nessas políticas. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016, p.22)

Estas tendências que as políticas internacionais impõem refletem duramente na educação, principalmente nos projetos que são lançados a partir de suas influências, essa “agenda mundializada”, como é citada acima, envolve instituições como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Tais modelos de políticas educacionais são propostas no Brasil sem qualquer análise prévia de pesquisadores, educadores e profissionais ligados à educação, os modelos de medidas educacionais são propostos por grupos de empresários, e indivíduos que atuam no setor privado. Como os autores nos apresentam a seguir, um programa chamado “Compromisso São Paulo” foi criado em 2011 por um comitê predominantemente integrado por grupos do setor privado.

O programa Compromisso São Paulo foi criado a partir do Decreto nº 57.571/2011 de dezembro de 2011 (SÃO PAULO, 2016) o qual estabeleceu a composição de seu Conselho Consultivo, no qual predominam representantes do setor privado. A quase totalidade desses representantes integram os “Parceiros da Educação” que é uma Organização da Sociedade Civil Pública (OSCIPI) fundada em 2004. Essa organização tem como propósito de estabelecer parcerias entre empresas, empresários e as escolas da rede pública. Muitos desses parceiros do programa também compõem a Organização “Todos pela Educação”, que atua em nível nacional. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016, p.23)

Como vimos no trecho acima, o programa Compromisso São Paulo possui um grande número de seus representantes, os “Parceiros da Educação”, que têm por objetivo promover parcerias entre empresas e instituições, como a escola pública. No entanto, foi a partir deste grupo que o projeto de reorganização das escolas foi apresentado como proposta, o que causaria o fechamento de um número considerável de escolas públicas, e promoveria a realocação de estudantes para outras escolas. Além deste ponto, vale ressaltar que o fechamento destas escolas acarretaria na demissão de um grande número de docentes, promovendo um enxugamento no

quadro docente parecido ao que ocorreu na década 1990, em São Paulo, onde mais de 20 mil docentes foram demitidos. Este projeto<sup>1</sup> foi apresentado no ano de 2015:

No final de 2015, inspirados no modelo americano, os parceiros do Programa Compromisso SP, atuaram na proposição do projeto de Reorganização das Escolas que previa o fechamento de 92 escolas e a reorganização para segmento único de mais 754 escolas. Apesar da justificativa pedagógica por parte da Secretaria da Educação de que escolas menores produzem melhores resultados e de que a reorganização se fazia necessária em razão das mudanças na pirâmide etária da população em idade escolar. Como já apontamos, o projeto tinha um claro caráter gerencial que foi ocultado na sua proposição original. Conforme Mesko e Piolli (2015) a Secretaria da Educação pretendia promover o enxugamento do quadro docente de forma assemelhada ao processo de reorganização ocorrido, nos anos 1990, em São Paulo, quando foram fechadas 155 escolas e demitidos 20 mil professores. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016, p.24)

O plano de reorganização acabou por ser adiado devido aos movimentos de estudantes secundaristas, e da intervenção do Ministério Público e da Defensoria Pública do Estado, a resistência durou um período que gira em torno de 60 dias, contando com o número de cerca de 200 escolas ocupadas em todo o Estado. A repudia dos estudantes aos projetos apresentados terminou por envolver outras questões para debate, uma delas é a democratização da escola, algo que já citamos anteriormente, envolvendo a falta de voz e participação dos estudantes nos julgamentos e decisões da escola. Outro ponto evidenciado nas ocupações estava ligado ao fato das más condições e precariedades que as escolas passavam, além da falta de professores mesmo com horários livres. A autonomia que o movimento tomou é de grande importância para análise, assim como os autores nos trazem abaixo:

O movimento secundarista paulista pode ser definido como um movimento social autônomo porque possui as seguintes características: independência, horizontalidade, autogestão e utilização de táticas de desobediência civil e de ação direta. Os secundaristas que resistiram ao projeto do secretário da educação, Herman Voorwald, e do governador do Estado, Geraldo Alckmin, não são filiados a partidos políticos e não pertenciam a sindicatos ou organizações não-governamentais, nem recebiam financiamento de empresas ou de qualquer outra instituição. Muito embora tenham recebido apoio de membros e grupos ligados a partidos e às entidades estudantis, tais como a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) e UNE (União

---

<sup>1 1</sup> A justificativa apresentada no projeto de reorganização das escolas contava com a consultoria da empresa McKinsey, assessorando a formulação das políticas de governo do Estado no âmbito educacional. Esta empresa atuou no início dos anos 2000 com diversas entidades privadas, entre elas a fundação Gates, em um processo de reorganização e privatização na cidade de Nova Iorque, nos EUA; dentre suas ações estavam as políticas de responsabilização docente, incentivos de pagamentos por mérito, avaliação por meio de testes padronizados e um estreitamento curricular envolvendo matemática e linguagem. Tais ações tinham como justificativa fazer as escolas “menores”, alegando que estas são as que possuem maior índice de bons resultados. No entanto os pormenores envolviam a demissão de professores, além do relacionamento próximo com grandes empresas e empresários, que pretendem uma maior “flexibilização” dos currículos escolares.

Nacional dos Estudantes), as ocupações foram inteiramente controladas pelos próprios estudantes. Assim, as ocupações secundaristas foram apartidárias e, ao não recusarem o apoio logístico de partidos, não podem ser descritas como antipartidárias. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016, p.25)

O movimento dos alunos secundaristas paulistas chamou a atenção pela horizontalidade na distribuição de deveres e tarefas, além da sua independência, sem nenhum envolvimento com partidos políticos. Assim como foi citado acima, o movimento contou com a participação de membros de grupos ligados à União Nacional dos Estudantes e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, porém, a autogestão dos alunos impediu que alguma bandeira política fosse levantada dentro da escola. Foi perceptível a presença de grupos específicos e até mesmo membros de partidos políticos, entretanto, o próprio movimento e os jovens que participaram da ocupação negam qualquer influência partidária. Vale lembrar também que estas táticas de organização, mesmo que não assumissem nenhum caráter político partidário, podia contar com o apoio de partidos, como a doação de qualquer material que contribuísse com as ocupações. A autogestão era importante para que o movimento se tornasse diferente de qualquer outro movimento social tradicional, e a divisão das atividades eram feitas de modo horizontal de forma que todos contribuíssem da maneira que se sentissem à vontade. A segurança do local, a limpeza e a cozinha eram pontos essenciais que os alunos ocupados e adeptos do movimento buscavam prezar, pois envolvem questões básicas de organização e preparo, e ainda assim fogem de qualquer tipo de depreciação e mau uso do espaço escolar ocupado.

Os movimentos autônomos criticam e se diferenciam dos movimentos tradicionais, especialmente, em um aspecto, qual seja, a distribuição de poder entre os membros do movimento. Entre partidos, sindicatos e movimentos tradicionais, a distribuição de poder é análoga a uma estrutura piramidal, isto é, o poder é concentrado no topo. A horizontalidade propõe que o poder seja distribuído igualmente entre os membros de um movimento. Não se trata de ausência do poder político e sim da concentração do poder em indivíduos e grupos. As críticas ao poder instituído não são feitas em nome da negação pura e simples do poder, pelo contrário, por meio delas, se afirma o poder instituinte. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016,p.25)

Estes movimentos de ocupação escolar ocorridos em todo o Estado de São Paulo se mostraram autônomos, pois a presença de professores e direção da escola nos mesmos espaços que os estudantes não interferia na escolha da maioria, a “concentração de poder em indivíduos”, como os autores citam acima, confirma o poder e força que as ocupações demonstravam. Outro movimento autônomo que podemos citar, que envolve manifestações no ano de 2013, é o Movimento Passe Livre, que existe desde de 2005, no entanto, obteve mais destaque nas manifestações ocorridas na cidade de São Paulo, e posteriormente se disseminou

no Brasil inteiro. O MPL também é um movimento que têm em seus princípios básicos a horizontalidade do poder, e a independência com relação a qualquer partido político. E a presença deste movimento nas manifestações em 2013 contava com um bom número de jovens, que manifestavam em ambientes públicos, ruas e praças, além de fechar avenidas, isso envolvidos na luta pelo direito da mobilidade e da educação. Piolli, Pereira e Mesko fazem algumas observações sobre o MPL, bem como trazem outros grupos que se uniram e disseminaram em apoio às ocupações em 2015:

O MPL (Movimento Passe Livre), que cumpriu um papel dirigente na campanha pela redução do valor das passagens de transportes públicos, é um movimento autônomo. Muitos integrantes do MPL que deixaram o movimento se engajaram no coletivo autonomista Mal-Educado, grupo formado por secundaristas que exerceu um papel importante em ocupações de escolas que se tornaram referências entre as escolas ocupadas, dentre elas, a Fernão Dias, situada no bairro paulistano Pinheiros. Foi iniciativa de membros do Mal-Educado a tradução do panfleto “Como ocupar um colégio?”, utilizado nas ocupações dos estudantes chilenos e que teve grande circulação entre estudantes paulistas. Em junho de 2013, O MPL se utilizou de bloqueios de ruas e avenidas cruciais para a circulação na cidade de São Paulo, acabou por produzir uma ocupação política do espaço urbano que mudou a cultura política da cidade e do país. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016, p.26)

O Mal-Educado<sup>2</sup>, citado pelo autores no trecho acima, é um coletivo que busca evidenciar e registrar as diversas formas de organização estudantil, que visam propor mudanças e romper paradigmas no âmbito escolar. Este movimento visa disseminar as experiências de luta e organização dos estudantes de todo Brasil, nesse sentido participaram das ocupações em 2015, distribuindo panfletos com o título “Como ocupar um colégio”. O apoio destes tipos de movimentos é válido, pensando no sentido que um número alto de estudantes nunca havia participado de nenhum movimento social, e mesmo assim desenvolveram um caráter crítico acerca das propostas da reorganização das escolas, e produziram um senso de organização e protagonismo dentro do espaço escolar.

O movimento de ocupação mobilizou estudantes que, em sua absoluta maioria, não havia participado de nenhum tipo de mobilização ou movimento social anterior, isso por serem extremamente jovens. Os entrevistados por essa pesquisa tinham idade entre 14 e 17 anos. Esses estudantes, mesmo não tendo tido experiência em participação em movimentos sociais, desenvolveram no processo um senso de organização e de conscientização que ampliou a pauta das reivindicações para além do mero questionamento da reorganização. Nós apuramos que a resistência à proposta de reorganização surgiu como uma oportunidade, não apenas para contestar os prejuízos que traria para os estudantes e suas famílias, mas para também questionar as condições da escola

---

<sup>2</sup> Descrição disponível em: <https://gremiolivre.wordpress.com/quem-somos/> Acesso dia 18/05/18, às 18:30.

e seu modo de organização. A situação de precariedade também aparece nos depoimentos, assim como também, a ausência de canais de comunicação e de processos democráticos que favoreçam o protagonismo estudantil. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016, p.27)

Assim como podemos observar no trecho acima, os estudantes que participavam das ocupações, em sua maioria, não haviam participado de outro movimento social, porém, esse fato pode servir como um tempero a mais para que os jovens se interessassem por participar daquele momento, que até então era único para muitos. Poder participar de um movimento que envolvia um grande número de estudantes da mesma faixa etária, ser capaz de opinar e ser ouvido por todos, ter condições de fazer atividades diferentes dentro do espaço escolar e difundir um movimento secundarista a partir dos próprios conceitos e críticas a respeito de decisões do Estado, são fatos que compõem ainda mais a vontade e desejo daqueles estudantes de lutar não somente por suas causas pessoais, mas sim por um coletivo que se via prejudicado por ações do governo.

Vale ressaltar que as ocupações também proporcionavam aos estudantes a autonomia de produzir e escolher atividades dentro da escola, a pauta do movimento estudantil foi ampliada para discussões pertinentes no contexto em que viviam. Temas como racismo, homofobia, relações de gênero, preconceitos e outras questões foram fortemente apoiadas para que houvesse discussão e debate durante suas ações nas ocupações. Essas atividades demonstram como é importante a organização dos jovens estudantes na escola, fomentando o debate de temas que poucas vezes são abordados nos currículos, e pouco representados nos livros didáticos. É essencial promover debates sobre racismo na escola, principalmente em escolas públicas, bem como homofobia e qualquer tipo de preconceito que ocorra dentro e fora do ambiente escolar. Promover um debate que saia de dentro da escola e possa refletir em atitudes fora da mesma, é um sinal indispensável que profissionais e pesquisadores da educação, precisam atentar e planejar atividades em que estes temas sejam abordados com mais clareza. Estes movimentos de ocupações demonstram mais uma vez sua importância no contexto nacional.

A experiência das ocupações e a organização das atividades desenvolvidas na escola, reforçou o protagonismo dos estudantes e a autonomia, tendo a participação nas assembleias e no processo decisório, como elementos fundamentais para que isso ocorresse. As relações horizontais estabelecidas nas ocupações foram produtoras de um novo sentido de pertencimento. Os depoimentos apontam que ampliou o nível de consciência sobre a importância da escola na vida dos estudantes. As novas rotinas e atividades acordadas pelo grupo parece ter despertado nos estudantes a compreensão de que a escola pode ser reorganizada e planejada de acordo com as necessidades e interesses dos estudantes. O movimento de ocupação contribuiu para uma maior

politização dos estudantes, assim como também, propiciou momentos para o aprendizado sobre as formas de luta e organização de um movimento social. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016, p.28)

Assim como tratamos no tópico anterior deste trabalho, as juventudes escolares no Brasil pouco participam e têm autonomia de escolher determinadas ações dentro da escola. Os grêmios estudantis não possuem força, alguns alunos sequer sabem o que é o grêmio e quais as suas funções dentro da escola. Estas ocupações proporcionaram aos jovens a condição de tomar consciência da sua importância na sociedade, visto que os seus atos dentro da escola naquele período de 60 dias, os fez serem observados em âmbito nacional. As rotinas dentro das escolas ocupadas desenvolviam mais interesse para que os estudantes desejassem estar presentes naquele ambiente e para o jovem a compreensão de que a escola é um espaço dele e para ele faz com que sua capacidade crítica o torne mais politizado em várias questões de sua vida pessoal. Pensando no sentido que as juventudes presentes na rede pública de ensino necessitam estar mais presentes nas decisões escolares, as ocupações serviram para que eles se apoderassem de outros assuntos, no que diz respeito à suas vidas pessoais e também em sociedade.

O movimento de ocupação das escolas promovido pelos estudantes secundaristas, pelo que apuramos, desencadeou um processo político criador de novos sentidos e de novos conteúdos. Para além da contestação à proposta de reorganização que afetaria os direitos dos estudantes, a mobilização emergiu como oportunidade para ocorresse a ampliação da pauta para uma contestação mais profunda da situação da escola quanto a sua organização e das relações de hierarquia e poder nela estabelecidas. As ocupações possibilitaram o surgimento de experiências práticas de democracia radical. Elas promoveram a ruptura de um cotidiano escolar em que essas práticas eram exceção e, ao mesmo tempo, que apontam para outras possibilidades de organização da escola fundada em princípios democráticos que valorizem o protagonismo dos estudantes. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016, p.34)

As rupturas que este movimento de ocupações escolares no ano de 2015 proporcionou foram essenciais para as ocupações que pretendemos analisar mais a fundo nesta pesquisa. As contestações dos estudantes partiram para além das propostas de reorganização das escolas, as discussões e temas debatidos nas atividades proporcionaram momentos ricos de aprendizagem e construção de conhecimento, além da divisão de tarefas ser feita de maneira horizontal, com total participação dos estudantes em diferentes tarefas na escola, como limpeza, manutenção e arrecadação de mantimentos para que o movimento continuasse firme.

Um aspecto que pretendemos analisar nas ocupações em 2016 também envolve a utilização de redes sociais e páginas virtuais para a divulgação e propagação das atividades que eram exercidas pelos ocupantes. No entanto, já nas ocupações de 2015, as redes sociais também foram utilizadas para propagar o movimento, e divulgar as ações dos ocupantes, bem como

postar fotos das ações para romper com qualquer tipo de criação de “matérias tendenciosas” por parte da mídia. Nesse contexto, Sordi e Morais nos trazem demandas pertinentes sobre o assunto:

Ao priorizar as redes sociais para comunicar as demandas e objetivos do movimento nas escolas os estudantes conquistaram nova visibilidade para suas pautas, expondo as versões originais de suas entrevistas que foram cortadas. Vale como exemplo uma entrevista ao vivo na qual uma estudante é indagada sobre o tempo que os estudantes pretendem ficar na “invasão”. Ela responde “primeiramente eu gostaria de corrigir não é invasão é ocupação”, assim termos e estratégias previamente discutidas foram sendo comunicados à esfera pública. A utilização de redes sociais, aliada as estratégias de publicar fotos das ocupações, não serem entrevistados sozinhos, não responder aos questionamentos dos repórteres, mas, sim, informar apenas assuntos pré-discutidos – aproveitando a visibilidade de grandes veículos e a utilização da técnica de repetição em coro para ler comunicados permitiu autonomia aos estudantes nas formas de transmitir suas pautas, ao mesmo tempo em que os protegia de possíveis represálias por parte do governo estadual ou da Polícia Militar.(SORDI ; MORAIS, 2016, p.30)

Com a utilização das redes sociais para divulgar os acontecimentos das ocupações, o público que utiliza estas mídias pode acompanhar todo o ocorrido sem a necessidade de acompanhar algum jornal televisivo ou impresso, para se inteirar melhor sobre as ocupações. As imagens divulgadas pelos ocupantes e também por páginas criadas especificamente para propagar as ocupações conseguiram atingir um bom número de visualizações por parte da sociedade conectada à internet e também nas redes sociais. A autonomia de participar destas ocupações e divulgar de maneira que todos que possuem acesso à internet consigam acompanhar as atividades realizadas nas ocupações, é um ponto importante que devemos destacar, e nesse sentido, apresentar novas análises no decorrer desta dissertação.

Neste primeiro capítulo, buscamos empreender uma discussão que envolvesse questões relacionadas às juventudes e suas particularidades no Brasil, e num segundo momento buscamos trazer algumas questões que envolvem as ocupações escolares ocorridas no estado de São Paulo no ano de 2015. Vale ressaltar que estas discussões servem como um ponto de ligação com o foco que pretendemos analisar nos próximos capítulos. Para analisar os movimentos de ocupação que ocorreram no fim de 2016, foi preciso observar os pontos principais que ocorreram nas ocupações escolares no estado de São Paulo em 2015: a horizontalidade na distribuição dos afazeres, o protagonismo por parte dos jovens estudantes, a adesão por parte da comunidade e a propagação das ações por meio das mídias sociais. Todos



os pontos apresentados anteriormente caracterizaram as ocupações ocorridas tanto no ano de 2015 quanto no fim de 2016.

É importante ressaltar a popularidade destes movimentos por meio das novas mídias sociais, caracterizando um movimento estudantil como algo que possibilitou que grande parte dos jovens que integraram as ocupações, ainda não haviam participado de nenhum movimento social. Esta participação permitiu que os estudantes se integrassem nas decisões importantes do movimento dentro da escola, promovendo uma discussão significativa sobre a participação dos jovens alunos nas decisões relevantes na escola.

Devemos enaltecer o papel dos jovens na participação dos movimentos de ocupações escolares no Brasil, no entanto, pretendemos aprofundar essa pesquisa nas ocupações ocorridas em 2016, no segundo semestre, durando cerca de dois meses; a cidade de Ituiutaba-MG contou com duas escolas ocupadas, e a partir do contato pessoal com o movimento e com os alunos, pretendemos construir um texto dissertativo investigando os pontos principais que ocorreram durante os dias das ocupações. Pretendemos antes disso, levantar pontos que envolvem a reforma do ensino médio (MP 746/2016) e a PEC do teto de gastos (PEC 55/2016), apresentando uma análise mais profunda sobre as consequências que estas reformas podem refletir na sociedade brasileira, mas essencialmente no campo da educação. Com a PEC dos gastos, as metas do PNE se tornam impossíveis de serem cumpridas, esse é um dos pontos que pretendemos esclarecer.

### **Capítulo 3. Crise na democracia e ocupações: um breve balanço sobre o golpe de 2016 e seu desencadeamento com as ocupações escolares em 2016**

#### **3.1 Breve histórico brasileiro de lutas por direitos e golpes políticos: processos que culminaram numa crise política em 2016**

O Brasil possui um histórico conturbado com guerras de poder que marcaram a história desse país, seja por terras, por riquezas, ou ainda por poder. Por mais que a democracia seja algo proclamado e afirmado ao longo dos anos, essa tal “democracia” raramente foi vista. O Brasil nunca conseguiu, ao longo de sua história, construir uma sociedade política que seguisse firmemente uma construção de democracia e isso também se deve ao fato das explícitas desigualdades sociais, raciais e de gênero encontradas em toda sua história. As lutas por direitos são “resolvidas” por meio de golpes políticos, ditadura, repressão e violação de direitos humanos.

Bem, embora em toda análise de conjuntura se corra o risco de que quem a elabora também esteja muito próximo dos fatos que estão a ocorrer, nossa perspectiva de historiadores da educação nos permite lançar mão do passado e da leitura que fazemos das suas estruturas para encontrarmos luzes que nos ajudem a iluminar o presente. (SANFELICE, 2017, p.274).

É possível criar um diálogo com o autor Sanfelice e Antunes no sentido de que o estado de Exceção é fruto de um histórico de desigualdades e, principalmente, de força e poder econômico em justificativa para atos questionáveis exercidos pelos governos. As ditaduras militares ocorridas na América, predominantemente na segunda metade do século XX, resultaram em repressão de liberdade, violência, torturas e mortes contra aqueles que eram contrários ao regime militar. Nesse sentido, Antunes (2017) cita que:

O inventário dessa era de genocídios nós podemos constatar com os resultados das investigações realizadas no Brasil, no Chile e ainda com mais intensidade na Argentina: um nível pavoroso de torturas, descobrimento quase interminável de cadáveres, eliminação de corpos torturados, assassinados e destroçados, tudo para poder esconder o massacre daqueles que lutaram contra as ditaduras militares. (ANTUNES, 2017, p.53).

Por mais que os cemitérios políticos estejam evidenciados nos períodos ditatoriais, existem aqueles que ainda defendem o retorno de regimes militares e muito disso resulta do fato do fascismo intrínseco estar presente no sentimento pessoal de cada indivíduo. A defesa de que o regime militar foi algo positivo é pertinente para que outros regimes ditatoriais possam acontecer no futuro, uma contrarrevolução burguesa contra os movimentos sociais, movimentos de igualdade e movimentos trabalhadores, uma barbárie neoliberal que colocou o capitalismo

financeiro à frente de questões sociais e igualitárias. Diante das crises estruturais ocorridas na segunda metade do século XX, sejam elas econômicas, sociais, políticas, sociais, ideológicas, e valorativas no sentido de dominação, uma contrarrevolução burguesa foi arquitetada para acabar com qualquer tipo de organização das classes trabalhadoras e dos movimentos socialistas e capitalistas, algo que vem acontecendo atualmente nas sociedades. Nesse sentido, Antunes (2017) ressalta que:

Seja através de governos neoliberais “puros”, seja pela ação de governos social-liberais (apologeticamente chamados de “neodesenvolvimentistas) que fracassaram ao tentar implementar uma moderada terceira via, o neoliberalismo retoma e refortalece o controle nos países onde a conciliação dominava. No caso da Argentina, depois do longo desgaste dos governos Kirchner, vimos recentemente a vitória de Macri, esta variante de gladiador da barbárie. E estamos presenciando também a gestação, em estágio bastante avançado e já quase vitorioso, do golpe parlamentar no Brasil, através do processo de impeachment que, na forma que vem assumindo, burla acintosamente a Constituição brasileira de 1988. (ANTUNES, 2017, p.57).

O pragmatismo neoliberal envolve uma maior concentração de riquezas, maior concentração dos poderes sobre a terra, o avanço dos lucros e ganhos de capital e o processo intenso de privatizações de empresas e órgãos públicos, outro caráter neoliberal explícito. Além destes pontos, a desregulamentação dos direitos sociais e do trabalho (acontecimentos recentes no Brasil), o aumento da pauperização dos assalariados também resulta em um grande número de precarizados e desempregados. No entanto, essas práticas causam a revolta dos grupos sociais que se tornam excluídos do mercado capital, e se transformam apenas em massa de manobra pela burguesia que direciona os rumos econômicos. Exemplos que ocorreram em toda a América podem ser citados, segundo Antunes (2017):

Nos Andes, onde viceja uma cultura indígena secular e milenar, cujos valores são muito distintos daqueles estruturados sob o controle e o tempo do capital, ampliaram-se as rebeliões, desenham-se novas lutas, dando claros sinais de contraposição à ordem que se estrutura desde o início do domínio, espoliação e despossessão típicas da fase neoliberal. Na Bolívia, as comunidades indígenas e camponesas rebelaram-se contra a sujeição e subordinação. Na Venezuela, os assalariados pobres dos morros de Caracas esboçaram novas formas de organização popular nas empresas, nos bairros populares e nas comunidades. No Peru, os indígenas e camponeses desencadearam vários levantes contra governos conservadores, junto com tantos outros povos andinos, e avançaram os espaços de resistência e rebelião. Na Argentina, quando da eclosão dos levantes em dezembro de 2001, vimos a luta dos trabalhadores desempregados, dos “piqueteros” que, conjuntamente com as classes médias empobrecidas, depuseram vários governos, nos dias que abalaram a Argentina. No México encontramos os exemplos de Chiapas desde 1994 e, posteriormente, da Comuna de Oaxaca, em 2005, que foram fortes rebeliões contra a destruição neoliberal. Houve ainda inúmeras lutas sociais urbanas em praticamente toda a América Latina, contra a mercadorização ou

commoditização dos serviços públicos, como saúde, educação, transporte etc. (ANTUNES, 2017, p.56).

Tais movimentos sociais citados sinalizavam possíveis mudanças e o descontentamento contra os métodos neoliberais foi perdendo força progressivamente. No entanto, os governos neoliberais seguem até os dias atuais. Porém, Antunes (2017), ressalta a importância dos movimentos sociais e organizações que lutam e contrapõem as estruturas dominantes, seja por meio de governos neoliberais puros, seja por governos sociais liberais (neodesenvolvimentistas), uma maneira moderada de governo que retoma e fortalece o controle neoliberal. Ainda assim, Antunes em seu discurso define os governos do presidente Lula e da presidenta Dilma do PT como governos de conciliação, por terem envolvido os interesses das classes dominantes e, ao mesmo tempo, construído programas de melhorias pontuais para a sociedade, como o programa Bolsa Família, voltado aos assalariados e aos setores mais pobres do Brasil.

O cenário vivido no Brasil ia bem perante a crise econômica que atingiu inicialmente os países capitalistas centrais como EUA, Japão e alguns países europeus. No entanto, os reflexos da crise atingiram o Brasil em um momento de operação judicial denominado como “Lava-Jato”, que explorou e atingiu os núcleos de corrupção implementados para manter o equilíbrio do governo entre os parlamentares e as elites econômicas. O ajuste fiscal e o aumento da inflação agravaram a crise econômica em 2015, acarretando o crescente número de desempregados em todo o país. A partir daí, a mídia se tornou peça chave para a propagação do *impeachment* e concretização do golpe em 2016.

Na classe trabalhadora, os setores ainda vinculados ao PT, fazem um enorme esforço para impedir o impeachment, mas o parlamento, de perfil conservador – verdadeiro Pântano da política brasileira – sob o comando conservador, está imbuído da proposta de destituir o governo Dilma a qualquer preço. Como o impeachment está previsto na Constituição do país, gestou-se a “alternativa ideal”: deflagrar um golpe com aparência legal, constitucional. Um golpe que, contando com o decisivo apoio da grande mídia dominante, assumiu a feição de um não golpe. Não um golpe militar, como em 1964, mas um golpe de novo tipo, forjado pelo pântano parlamentar que, até poucos dias atrás, era parte da base aliada que dava sustentação aos governos Lula e Dilma. (ANTUNES, 2017, p.58).

A crise econômica e social se tornou também uma crise institucional no Brasil em 2016, visto que os poderes legislativo, executivo e judiciário entrariam em confronto. A mídia cumpria o seu papel ao propagar tendenciosamente os pontos contrários ao governo Dilma. Ainda assim as classes dominantes se organizaram e recorreram ao *impeachment*, mesmo tendo sido realizado de uma maneira ilegítima. Por mais que não sejamos condescendentes com os

meios que o governo petista utilizou, é essencial destacar a maneira inconstitucional e ilegítima que o poder foi tomado por meio do vice-presidente Michel Temer. O golpe obteve um caráter de ilegalidade e excepcionalidade.

O novo estado de Exceção colocou o ônus da crise inteiramente paga pela classe trabalhadora, havendo cortes profundos no programa Bolsa Família e reformulações no seguro-desemprego. A burguesia implementou uma contrarrevolução que se mostrou mais uma vez predominante no Brasil e um novo tipo de golpe foi respaldado pelos parlamentares e por uma legislação de exceção.

No primeiro quesito, a conciliação pelo alto, Getúlio Vargas e Lula foram os grandes mestres em toda a história Republicana. Quando as classes dominantes (profundamente internacionalizadas e financeirizadas) decidiram encerrar este ciclo e descartar o governo Dilma e o PT, decretaram também o fim deste ciclo de conciliação iniciado por Lula. (ANTUNES, 2017, p.60).

Ao relacionarmos Sanfelice (2017) e Antunes (2017), é possível estabelecer uma conexão entre o histórico brasileiro de conquistas e lutas por direitos, com os aspectos predominantes que as classes dominantes impõem no Brasil durante séculos. Se por um lado os governos proporcionam às classes dominantes o direito de possuir e comandar o capital, por outro lado percebemos uma classe trabalhadora que movimenta o mercado e se organiza por direitos mais igualitários. A exclusão de determinados grupos sociais é evidente no Brasil, sejam eles compostos por negros, indígenas, pobres, mulheres, homossexuais, dentre outros. Não existem propostas que visam uma noção mais igualitária, por meio das quais todos possam obter direitos iguais. Infelizmente, historicamente o Brasil exclui determinados grupos e quando algum governo pretende apresentar alguma proposta que mude isso, é fortemente criticado, visto o apoio do PT ao movimento sem-terra e a criação de auxílios para os menos favorecidos, como o programa Bolsa Família. Nesse sentido, Saviani (2017) nos apresenta algumas reflexões sobre o momento atual do Brasil:

O processo consumado em 31 de agosto de 2016, que golpeou a democracia brasileira, resultou num surpreendente, ainda que de certo modo previsível retrocesso político. Sim, considero esse retrocesso, contraditoriamente, ao mesmo tempo previsível e surpreendente. Referi-me ao caráter de certo modo previsível porque a reviravolta política que estamos vivendo tem a ver com a profunda crise, de caráter estrutural, que afeta globalmente a sociedade atual marcada pela forma metabólica do capital, o que se evidencia na desmontagem do chamado “Estado do Bem-Estar” [...] Ao mesmo tempo, porém, essa reviravolta política no Brasil não deixa de ser surpreendente porque jamais poderíamos pensar que nossa democracia, conquistada a duras penas após 21 anos de ditadura empresarial-militar e que parecia consolidar-se na vigência

da Constituição de 1988, viesse a sofrer um duro golpe, provocando um retrocesso político de proporções inimagináveis. (SAVIANI, 2017, p.215).

O autor Saviani (2017) nos apresenta a relação do governo petista com as corrupções já existentes no sistema brasileiro, pois ao invés de quebrar as quadrilhas que se mantêm governo após governo, o PT decidiu assegurar uma base de apoio no Congresso sem a qual seria impossível governar. Muito antes do Partido dos Trabalhadores ter sido fundado, o esquema de corrupção já se encontrava firme no Brasil. Por mais que o impeachment seja algo previsto na Constituição Brasileira, a maneira como esse ato se deu em 2016 foi um mecanismo de ilegalidades, patrocinado pela mídia e pelas classes dominantes, visto que nenhuma das alegações apresentadas caracterizavam crimes de irresponsabilidade. Um ponto importante destacado por Saviani (2017) é que Dilma Rousseff sequer está sendo investigada. No entanto, mais da metade dos membros da Comissão de impeachment se encontra em investigação por diversos tipos de crime:

Aliás, Dilma sequer está sendo investigada, ao passo que a Comissão do impeachment tem mais da metade de seus membros em investigação e, no conjunto da Câmara, 302 deputados encontram-se na mesma situação. A farsa está, pois, escancarada: um bando de corruptos julgando e condenando uma presidenta que não cometeu crime algum. E, como a oposição ensandecida, engrossada pelo PMDB, conseguiu maioria para aprovar o golpe, restaria ao Supremo, cumprindo seu papel de guardião da Constituição, evitar esse desfecho. (SAVIANI, 2017, p.217).

Como foi possível compreender com Saviani (2017), a democracia é um regime político baseado na soberania popular. No entanto, a sociedade moderna que colocou o povo na soberania foi a mesma que o dividiu em duas classes: uma menor que possui o capital, os meios de produção e os instrumentos de trabalho, e outra classe que detém apenas a sua força de trabalho e a vende para os detentores do capital e dos meios de produção. O poder econômico detém também o poder político e, nesse sentido, pode indicar os candidatos a cargos públicos de sua escolha. Sendo assim, os membros dos grupos dominantes procuram eleger os candidatos de sua escolha, ao passo que os membros das camadas populares raramente conseguem escolher os melhores candidatos que exprimem os seus pontos de vista.

O regime democrático no Brasil sempre esteve à mercê das classes dominantes. Raramente a população trabalhadora é incorporada à vida política devido ao fato de os detentores do poder tramarem golpes para que a massa popular não participe da vida política do país. A democracia é tratada de forma restrita, construída, assim, historicamente no Brasil, através de diversos golpes políticos:

É nesse contexto que ocorreu no Brasil, em 31 de agosto de 2016, o golpe mediante o qual o Senado destituiu Dilma Rousseff da presidência da República. Ao desrespeitar a Constituição, depondo uma presidenta que não cometeu crime, quebrou-se a institucionalidade democrática. Sem crime a presidenta, na vigência do regime democrático, só poderia ser julgada pelo próprio povo no exercício de sua soberania. (SAVIANI, 2017, p.219).

A sociedade atual vive em constantes transformações e a educação se torna um ponto importantíssimo no sentido político e estrutural para a sociedade, relacionando-se ao fato de que a escola se torna um instrumento de participação política e essencial para o desenvolvimento da democracia. A escola representa uma classe dominante, e, ao mesmo tempo, a classe dominada, pois compreende os dois públicos. Os programas de governo produziam cartilhas que expressavam claramente seus interesses e as classes dominadas entenderam que os tiranos e soberanos que os governavam traziam para a educação suas práticas e tentavam influenciar politicamente a escolha dos alunos na escola. O povo então passa a não tender aos candidatos da classe dominante e busca representantes que não estão entre os escolhidos dos dominadores. A partir daí “algo não ia funcionando bem” para quem estava no poder.

E, para corrigir o que se entendia que não estava funcionando bem, surgem periodicamente movimentos pela reforma da escola que, fundamentalmente, desempenham o papel de recomposição dos mecanismos de hegemonia da classe dominante, hegemonia ameaçada pela crescente participação política das massas. Nessas condições a sociedade moderna, ao mesmo tempo em que espera e exige da escola a formação para a democracia traduzida no objetivo da formação para o exercício da cidadania, inviabiliza essa tarefa, impedindo a escola de realizá-la. (SAVIANI, 2017, p.224).

O autor Saviani (2017) expõe questões pontuais sobre o projeto “Escola sem Partido”, apontando-o criticamente como uma “Lei da Mordaza” por existirem inúmeras restrições relacionadas ao exercício docente no Brasil, envolvendo os princípios da autonomia didática, que são direitos consagrados na legislação e nas normas do funcionamento do ensino. Deve haver luta contra este projeto de lei, pois fere o bom senso, tirando dos professores o papel de formar novas gerações críticas e que estejam devidamente preparadas para integrar a sociedade, propiciando aos alunos trabalhar com conhecimentos que busquem a verdade sem qualquer tipo de restrição. A condição para a existência de sociedades democráticas envolve diretamente as resistências educacionais, mesmo inseridas em uma forma capitalista e burguesa. Um ponto essencial para a educação ser um objeto de resistência é fomentar um regime baseado na soberania popular. Nesse sentido, Saviani (2017) conclui que:

A resistência ativa é, pois, indispensável como estratégia de luta por uma escola pública livre das ingerências privadas balizadas pelos interesses do mercado. Nessa fase difícil que estamos atravessando, marcada por retrocesso político com o acirramento da luta de classes lançando mão da estratégia dos golpes parlamentares, visando a instalar governos ilegítimos para retomar sem rebuços a agenda neoliberal, resulta imprescindível combatermos as medidas restritivas dos direitos sociais, entre eles, o direito a uma educação de qualidade, pública e gratuita, acessível a toda a população. Essa foi e continua sendo, agora de forma ainda mais incisiva, a nossa luta. A luta de todos os educadores do Brasil. (SAVIANI, 2017, p.232).

Trouxemos neste subtópico algumas questões que foram relevantes para as ações que desencadearam nas ocupações. É necessário citar algumas questões históricas que permearam as lutas políticas e de poder no Brasil até o golpe de 2016, que promoveu profundas mudanças e cortes que influenciariam diretamente a vida dos brasileiros de classe baixa. A classe dominante pretende exercer direitos políticos acima das classes mais baixas, inclusive orquestrando um impeachment de uma presidenta eleita de forma democrática e, a partir de toda essa exploração, um governo ilegítimo representado por Michel Temer, que aproveitou do pouco tempo que teria para promover reformas e propor mudanças que atingiriam drasticamente a educação pública e, conseqüentemente, as classes baixas, promovendo inúmeras discussões e debates sobre as propostas apresentadas.

No âmbito desses projetos que o governo buscava implantar, havia o já citado projeto “Escola sem Partido”, a Proposta de Emenda Constitucional nº 241 (depois PEC 55), que congela os gastos públicos por 20 anos e a reforma do Ensino Médio, via Medida Provisória (MP 746/16). Tais medidas atingem drasticamente o sistema educacional no país, além de golpear ainda mais as classes mais baixas. Nos próximos tópicos apresentaremos questões sobre as ocupações, em território nacional, e, mais profundamente, na cidade de Ituiutaba, local no qual obtivemos um maior contato com a questão.

### **3.2 Observando as ocupações ocorridas em território nacional: algumas características e particularidades**

Como citamos anteriormente, o ano de 2016 no Brasil foi marcado por um forte golpe à democracia: o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, que fez reacender um discurso conservador, além das inúmeras propostas de reformas que “pretendiam” contribuir para a sociedade. O pós-golpe de 2016 foi um período de propostas de reformas, apresentadas pelo governo, envolvendo questões relacionadas à educação. Dentre elas, podemos citar a proposta de reforma do Ensino Médio e a PEC que congelava os investimentos públicos por 20 anos, propostas fortemente criticadas por profissionais da educação, além do congelamento que



influenciaria outras questões sociais, promovendo uma maior desigualdade social no país. O movimento da “Escola sem Partido”, formado por movimentos conservadores, também era pauta para discussão neste momento político.

Após o afastamento definitivo da presidenta Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016, outros golpes ocorreram. Foi lançada uma série de medidas do Governo Federal com graves impactos sobre a educação: a Proposta de Emenda Constitucional nº 241 (depois PEC 55), que congela os gastos públicos por 20 anos, a reforma do Ensino Médio, via Medida Provisória (MP), e o projeto de lei batizado de “Escola sem Partido” ou “Lei da Mordaca”, com impacto direto na atuação docente; estabelecendo uma série de regras para controlar a atuação do professor em sala de aula, praticamente o impedindo de promover um debate crítico de ideias com os alunos e criando uma espécie de observatório para monitorar a sua prática. (SILVA ; MEI, 2017, p.12979).

Após as propostas de reforma, o cenário político se tornaria conturbado e parte dos professores, alunos e pais de alunos, indignados com as propostas, tomaram frente às novas ocupações, assim como ocorreu em 2015. As ocupações escolares no Brasil em 2016 tiveram grande notoriedade por parte das mídias, sejam elas televisiva, impressa ou digital e isso se deve ao fato delas estarem fortemente ligadas às comunicações via redes sociais, o processo de comunicação e contato entre os ocupantes de uma mesma escola, cidade e, até mesmo, ocupantes de outras cidades. As informações eram viabilizadas pela rapidez no acesso às redes sociais utilizadas. As ocupações se iniciaram no mês de outubro, tendo se desenvolvido por cerca de um mês. Durante este período, algumas escolas iam se desmobilizando, tanto pela força contrária aos movimentos, quanto pela falta de motivação feita por parte do governo sobre alunos ocupantes.

Em outubro de 2016, escolas e universidades de 20 estados e do Distrito Federal passaram por um movimento de ocupação contra a reforma do Ensino Médio, prevista na Medida Provisória (MP) 746, e contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 55, que restringe os investimentos sociais do governo federal, inclusive em educação, ambas propostas do governo Temer [...] (SILVA e MEI, 2017, p.12979).

O estado com maior número de escolas ocupadas foi o Paraná, atingindo em seu número máximo 845 escolas, das 1198 que participaram do movimento. O segundo estado com mais alto índice de ocupação foi Minas Gerais, com 48 escolas. Durante todo o processo de ocupações, a cidade de Ituiutaba contribuiu para este movimento com duas escolas, as quais foram analisadas no decorrer deste capítulo. Vale salientar que a cidade de Uberlândia obteve o número de cerca de 20 escolas ocupadas. Como o número de ocupações atingiu várias escolas, o movimento possuiu um número grande de ocupantes e as críticas de determinados grupos se disseminava pelas redes sociais, bem como por meio das mídias impressa e televisiva. Dentre

alguns movimentos contrários, além de pais e professores que não aderiram, o Movimento Brasil Livre se manifestou fortemente contra as ocupações:

Os secundaristas envolvidos no movimento de ocupações das escolas em 2016 enfrentaram duras críticas de alguns setores da sociedade civil, dentre os quais se destaca: a mídia e o Movimento Brasil Livre (MBL), que assumiu no estado a insígnia de “Desocupa Paraná”, os quais realizaram pressão social e ideológica contra as ocupações, reivindicando a desocupação imediata dos espaços escolares. (BOUTIN; FLACH, 2017, p.432).

Apesar dos movimentos contrários, as escolas ocupadas persistiram no movimento, mesmo sofrendo pressão de determinadas esferas da sociedade, bem como da mídia televisiva e de alunos e pais de alunos que também eram contra as ocupações. Estes se manifestavam nas reuniões que ocorriam na escola. Vale ressaltar que o governo determinou que as ocupações acabassem na data de 31 de outubro de 2016, muito pela força que o movimento ainda tinha, e também pelo fato das provas do ENEM previstas para acontecer em cerca de 300 escolas ainda ocupadas, o que ocasionaria o cancelamento de provas de cerca de 190 mil estudantes. De acordo com uma reportagem postada na página virtual da Rede Globo, a presidente do INEP, Maria Inês Fini, assumia que os gastos decorrentes do cancelamento e remarcação de provas do ENEM seriam exclusivos do Governo Federal<sup>3</sup>. O fato das provas do ENEM coincidirem com as ocupações foi um elemento a mais para os ocupantes manterem o movimento vivo, pois de maneira direta suas ações iriam atingir o governo, pois a remarcação das provas para um número expressivo de alunos geraria gastos que o governo federal teria que arcar.

Era possível presenciar, durante as ocupações, várias discussões e debates sobre o que seria trabalhado nos dias seguintes, momentos nos quais assembleias eram organizadas por comitês e cada comitê era responsável por apresentar alguma proposta de discussão ou atividade que seria feita nos dias posteriores. A proposta de organização dos alunos era feita de forma vertical, dado que todos poderiam contribuir e apresentar ideias, além de salientar pontos positivos e negativos que ocorriam durante todo o processo. Este meio de organização reacende nos jovens alunos alguns conceitos importantes como a democracia e luta por direitos sociais. Aquelas ocupações significavam aos alunos ocupantes uma maneira de se manifestar e declarar à sociedade que ali também existia democracia, como também política. Neste contexto, vale salientar Boutin e Flach :

As ocupações de escolas pelos estudantes evidenciaram a correlação de forças existentes no seio da sociedade e demonstraram que os jovens se constituem em força ativa, visto que “conseguiram mobilizar milhares de estudantes em

---

<sup>3</sup> Acesso em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/11/ocupacao-de-escolas-adia-prova-do-enem-para-mais-de-190-mil-alunos.html>, dia 25/07/18, às 14:35h.

processos democráticos reais”. Por meio de sua atividade prática, os estudantes mostraram que não estão alheios às questões políticas do país e que são capazes de realizar ampla mobilização para a luta em prol de uma educação pública e de qualidade. Nessa perspectiva, o movimento de ocupações das escolas públicas deixou como herança diferentes aprendizados que não estão presentes nos currículos formais da escola. (BOUTIN e FLACH, 2017, p.432).

Os autores acima nos chamam a atenção para outro ponto essencial das ocupações: a forma como os currículos formais da escola são utilizados, pois durante todo o processo de ocupações, várias atividades e momentos de estudos coletivos aconteciam. Mais à frente mostraremos algumas imagens de roteiros de atividades, estudos e palestras. Estas atividades pretendiam contribuir para o processo formativo dos alunos, visto que mesmo com a prorrogação das provas do ENEM, muitos alunos dos terceiros anos pretendiam realizá-las. Por mais que tenha sido um movimento que envolveu várias esferas como estudantes, professores, direção, pais de alunos e simpatizantes, este movimento demonstrou a força do movimento estudantil e, como a autora nos apresenta a seguir, o movimento estudantil historicamente mostrou-se importante no cenário nacional.

O movimento dos Estudantes - ME, especialmente os do Ensino Médio e universitário, merece um destaque maior porque ele sempre esteve presente em momentos cruciais da história política do país. Das ações dos estudantes de Direito na fase do Brasil Império, passando pelas lutas estudantis dos anos 60, pelas Diretas Já de 1984, pelos Caras Pintada de 1992, até a UNE atual, e as novas formas de ação, com ocupações em órgãos administrativos da universidade, ou as ocupações de escolas por estudantes do Ensino Médio, os estudantes são atores políticos relevantes no Brasil. (GOHN, 2012, p. 2).

Por se tratar de um movimento que está ligado diretamente com alunos de Ensino Médio, vale ressaltar que a presença de universitários nas escolas ocupadas era ampla. A relação com projetos que envolvem bolsas de pesquisa e extensão motivaram bolsistas a participarem das ocupações e foi possível perceber a presença de universitários ligados ao PIBID, PET e outros projetos, além daqueles que tinham interesse em contribuir com o movimento. Inclusive, era perceptível a presença de professores universitários nas escolas, tanto apoiando as manifestações, como também participando diretamente de rodas de debate, das assembleias de organização e de palestras com temas específicos.

O interesse por parte dos profissionais da educação junto aos alunos se manifesta no que diz respeito à questão das relações sociais construídas no ambiente que foge do “currículo instrumental” e dos muros da escola. Por mais que as ocupações acontecessem dentro da escola, todo aquele momento entre os ocupantes e simpatizantes do movimento provocaram uma consciência coletiva, consciência de que era necessário se manifestar para que a luta por direitos

e as obrigações do governo com a educação fossem realmente algo prioritário. A consciência coletiva que se construía nos dias da ocupação era que a educação fosse prioridade nos investimentos do governo e totalmente contra o congelamento de gastos que ia precarizar o ensino ainda mais ao longo dos anos. As técnicas de divisão de tarefas e comissões faziam parte da construção política dos ocupantes. Nesse sentido, Gohn nos traz algumas considerações:

A construção da cidadania coletiva se realiza quando identificados os interesses opostos e parte-se para a elaboração de estratégias de formulação de demandas e táticas de enfrentamento dos oponentes. Este momento demarca uma ruptura com a postura tradicional de mandatários de bens de consumo coletivo: não se espera o cumprimento de promessas, organizam-se táticas e estratégias para a obtenção do bem por ser um direito social. (GOHN, 2012, p. 22).

A prática cotidiana das ocupações envolviam os alunos com atividades e reuniões e o momento era propício para falar e expressar ideias, além de construir conhecimentos através de experiências que cada um deles ia coletando. A dimensão espacial e temporal que os jovens obtinham nos momentos de relação com a ocupação proporcionam a construção de saberes e desenvolvimento humano. A compreensão que os jovens obtiveram, a partir da realidade que enfrentaram com as ocupações, contribuiu para seu processo formativo como cidadão. De forma similar, a vivência, como também a troca de experiências entre os ocupantes, também possibilitou uma melhor formação política entre eles. Todas as atividades propostas colaboravam para o interesse dos alunos por novos meios que a educação poderia oferecer.

Com base nas experiências vivenciadas pelos estudantes durante o processo de ocupações e as reflexões de diferentes pesquisadores, torna-se possível compreender que o movimento estudantil secundarista possibilitou o contato dos jovens com um modelo de educação diferente daquele vivido na escola formal. [...] A “dimensão da organização política” se expressou na clareza sobre as motivações da luta dos estudantes. Foi possível evidenciar, tanto nas ocupações paulistas de 2015, quanto nas ocupações a nível nacional de 2016, a união dos jovens em torno da luta por uma educação pública de qualidade. (BOUTIN; FLACH, 2017, p.438).

Durante os dias do movimento, as dinâmicas iam acontecendo de acordo com a disponibilidade de tempo dos palestrantes e dos professores que continuavam dando conteúdo, além da preparação dada aos alunos que estavam se preparando para o ENEM. Mesmo com as escolas ocupadas, os estudantes acreditavam no adiamento da prova em decorrência das escolas estarem fechadas para a realização das provas. Várias atividades eram organizadas e divulgadas em forma de roteiros, contendo os afazeres e intervenções que ocorreriam nos dias seguintes. Abaixo apresentaremos uma imagem retirada do acervo pessoal que possuímos em forma de

*printscreen*, imagens printadas durante os movimentos. Discorreremos mais especificamente sobre elas nos próximos tópicos.

A imagem 1, foi retirada de uma das páginas virtuais que apresentaremos mais à frente neste trabalho. No entanto, é possível analisar previamente como as ações iam acontecendo durante os dias ocupados. Várias pessoas contrárias ao movimento alegavam que os estudantes vandalizavam a escola, e que os alunos estavam sendo prejudicados por não estar havendo aulas. Entretanto, o que realmente ocorria era o contrário disso, pois as comissões constituídas por ocupantes promoviam momentos de autorreflexão sobre o movimento, além de planejar as necessidades básicas para a convivência na escola: a alimentação e a limpeza do local. Chamamos a atenção para estes dois fatores, pelo fato de estarem diretamente ligados às atividades em grupo, pois tanto a limpeza, quanto a preparação das refeições, eram feitas por um número maior de ocupantes.

Imagem 1: Roteiro de atividades das ocupações – Terça Feira



A imagem 1 contém o roteiro de atividades de uma das “terças-feiras” da ocupação. Podemos perceber ter havido aulas com professores ligados à Universidade Federal da cidade de Ituiutaba, além de momentos de reunião e mutirão para a limpeza dos espaços. Imagens

<sup>4</sup> Imagem do acervo pessoal da pesquisa, também disponível no link: [https://www.facebook.com/pg/Ituiutaba-Ocupação-EE-Coronel-Tonico-Franco-1816686545211096/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/Ituiutaba-Ocupação-EE-Coronel-Tonico-Franco-1816686545211096/photos/?ref=page_internal)

adicionais serão exibidas nos próximos tópicos, além da apresentação da cidade de Ituiutaba-MG, cidade na qual tivemos maior contato com as ocupações escolares em 2016.

### 3.3 Apresentando a cidade de Ituiutaba e as duas escolas ocupadas

Antes de adentrarmos mais a fundo nas ocupações, é necessário apresentar aspectos sobre as escolas e a cidade que estamos analisando neste trabalho, sabendo que cada cidade possuiu características próprias em suas ocupações, mesmo que estivessem ligadas de alguma forma. Seja por meio digital nas redes sociais, ou até mesmo através de outro meio de comunicação, algumas escolas possuíram características próprias em suas ocupações. Sendo assim, apresentaremos alguns aspectos sobre a cidade de Ituiutaba, bem como as escolas que foram ocupadas em 2016.

A cidade de Ituiutaba se encontra no interior do estado de Minas Gerais, no Pontal do Triângulo Mineiro e tem, segundo o senso do IBGE no ano de 2018, 104. 067 habitantes. Ao todo, nela existem 17 escolas estaduais, 19 escolas municipais, 25 escolas particulares, 1 Instituto Federal, 1 Universidade Estadual, 1 Universidade Federal e 2 faculdades particulares. Na imagem 2, temos em destaque a cidade de Ituiutaba, no mapa de Minas Gerais, para melhor localização:

Imagem 2: Mapa do Estado de Minas Gerais – Em destaque Ituiutaba



No ano de 2016, apenas quatro escolas ofereciam o Ensino Médio público, na cidade de Ituiutaba, sendo elas: Escola Estadual Professora Maria de Barros, Escola Estadual Antônio de

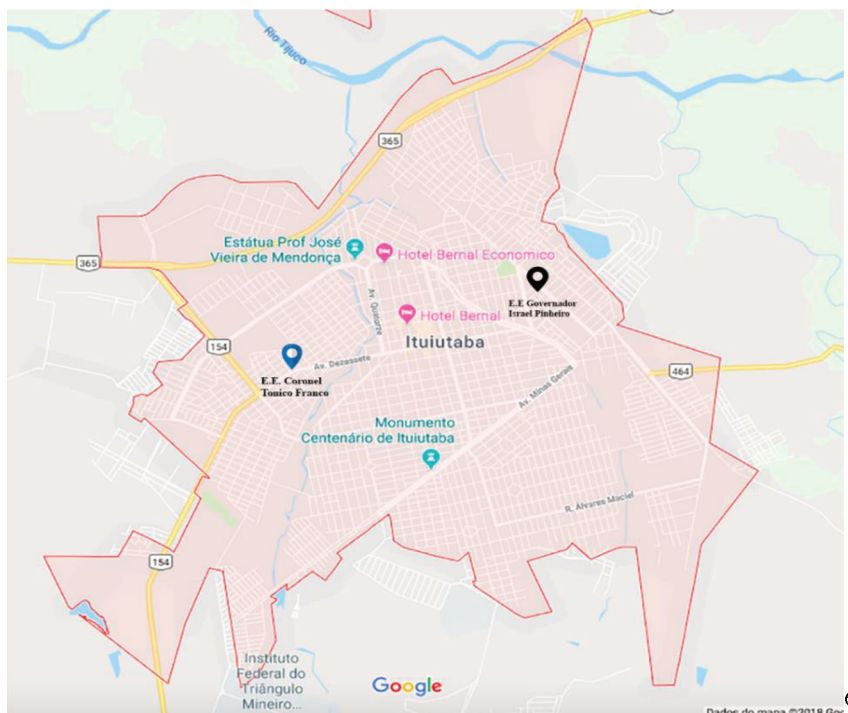
---

<sup>5</sup> Acesso em: <https://www.ituiutaba.mg.gov.br>, dia 12/09/2018, as 15:35.

Souza Martins, Escola Estadual Coronel Tônico Franco e Escola Estadual Governador Israel Pinheiro. Houve ocupação em duas delas, representando 50% das escolas que possuíam Ensino Médio em 2016.

Como já dissemos anteriormente, as escolas que aderiram às ocupações foram a Escola Estadual Coronel Tônico Franco e Escola Estadual Governador Israel Pinheiro, vulgo “Tônico Franco” e “Estadual”, chamadas assim pela população de Ituiutaba. As outras duas escolas estaduais não aderiram às ocupações, mesmo havendo algumas tentativas que apresentaremos no decorrer deste texto. É importante ressaltar mais uma vez que a representatividade de 50% é significativa e vale destacar que estas duas escolas estão situadas em regiões diferentes na cidade: a Escola Tônico Franco está situada no Bairro Platina, enquanto a Escola Israel Pinheiro fica no bairro Setor Universitário. A imagem 3, apresenta o mapa da cidade de Ituiutaba, no qual as escolas estão identificadas com pontos de localização, sendo que a Escola Tônico Franco se encontra representada por um ponto de localização azul, enquanto a Escola Israel Pinheiro está identificada por um ponto de localização preto.

Imagem 3: Mapa da Cidade de Ituiutaba: Localização das escolas ocupadas



Vale salientar que as duas escolas estão situadas em bairros diferentes, separadas por cerca de 5 km de distância e ambas encontram-se em lados opostos em relação ao centro da cidade. Apesar de as ocupações terem ocorrido de forma independente em cada escola, suas

<sup>6</sup> Fonte: Google Maps: <https://bit.ly/2QbyzSU> acesso em 15/09/2018, 14:30.

gestões e organização terem sido feitas por alunos da própria escola, havia meios de comunicação entre os alunos, que se dava, prioritariamente, por meio das redes sociais. Neste próximo momento apresentaremos as duas páginas virtuais criadas pelos alunos ocupantes, ambas disponíveis no *Facebook*. O objetivo central era divulgar os acontecimentos e realizar pedidos de doação para as ocupações.

### **3.4 Ocupações em Ituiutaba - MG: as duas escolas que aderiram ao movimento e suas páginas virtuais**

As ocupações conseguiram projeção nacional em 2016, nos meses de outubro e novembro, em várias cidades e capitais do Brasil. Em Ituiutaba houve ocupações em duas das quatro escolas que ofereciam Ensino Médio público. Mais próximo desta cidade temos Uberlândia que contou com mais de 20 escolas ocupadas pelos alunos contra as propostas do governo. Neste momento dialogaremos sobre os sentidos que as ocupações tomaram no ambiente digital, especificamente na rede social *Facebook*, ambiente virtual no qual foram criadas páginas virtuais para propagar as ocupações, cujo objetivo era trazer os acontecimentos da ocupação, bem como informar os eventos e atividades que seriam realizadas pelos alunos e ocupantes. As páginas também foram instrumentos mobilizadores para que fossem feitas doações de material de limpeza e alimentos, temas que abordaremos na sequência do texto. A maneira como os estudantes organizavam as atividades, e mantinham a limpeza e patrimônio das escolas foi um ponto de destaque. Nesse sentido, Ortellado nos traz pontos importantes:

Os secundaristas romperam o isolamento individualista do cotidiano escolar e criaram uma nova sociabilidade no processo de luta: uma sociabilidade baseada na corresponsabilidade, na horizontalidade dos processos decisórios e no cuidado com o patrimônio público. Essas novas relações são o que uma tradição autonomista chama de política pré-figurativa, a capacidade de forjar, no próprio processo de lutas, as formas sociais a que se aspira, fazendo convergir meios e fins. A sociabilidade horizontal, corresponsável e baseada na proteção do patrimônio público é, ao mesmo tempo, objetivo da luta e da criação imediata, uma espécie de antecipação performativa daquilo que se busca. (ORTELLADO, 2016, p.13).

As duas páginas criadas na rede social *Facebook* estiveram abertas para que toda a comunidade virtual acompanhasse as ocupações. As páginas Ituiutaba Ocupação E.E. Coronel Tonico Franco, com tema principal “A Escola é Nossa”, e Ituiutaba Ocupação – Israel Pinheiro, com o tema principal “#contraPEC241 - #contraMP746”, continham ênfase na luta e pelo direito à educação. É importante ressaltar que as imagens utilizadas nesse capítulo foram capturadas e são de acervo pessoal desta pesquisa, sendo que após o fim do movimento, a página das ocupações na escola Israel Pinheiro foi desativada pelos seus moderadores,



impossibilitando que qualquer usuário pudesse ter acesso às publicações novamente. O *Facebook* foi uma ferramenta que contribuiu para o movimento. Nesse contexto, é importante citar o autor Moraes a seguir:

A circulação de informações, de táticas de ocupação e dos princípios de autogestão, transitaram pelas redes sociais. Assim, pelo *Facebook* o “Manual: como ocupar um colégio?”, da “Frente de Estudantes Libertários” argentinos, chegou ao conhecimento do Coletivo “Mal Educado” [...] um dos mais atuantes nas ocupações ocorridas em 2015 no estado de São Paulo. Tal documento foi traduzido e mais uma vez difundido em redes sociais, ficando ao alcance dos que se dispuseram a buscar informações a respeito da metodologia e da prática autogestionária. (MORAIS, 2017, p.3).

As imagens abaixo são das duas páginas que citamos acima e nelas é possível observar as informações de contato que cada página continha, bem como as opções de mensagem para envio em particular, lembrando que ambas só foram criadas após o movimento das ocupações:

Imagem 4: Printscreen da página virtual do Facebook ligada às ocupações da escola Israel Pinheiro.



Imagem 5: : Printscreen da página virtual do Facebook ligada às ocupações da escola Tonico Franco.



As imagens 4 e 5 apresentam as páginas criadas pelos alunos ocupantes e ambas possuíam cerca de 1.000 seguidores no *Facebook*, crescimento considerado elevado durante as manifestações, pois estes números foram atingidos em pouco menos de um mês de ocupações. Estas duas páginas serviam como um meio de propagação das ações dos alunos, além de divulgar as necessidades e pedir doações para que o movimento continuasse ocorrendo. As ocupações aconteciam de forma horizontal por parte dos alunos e as propostas de atividades futuras eram divididas com todo o grupo de ocupantes, de maneira que todos pudessem dar opiniões sobre os acontecimentos futuros. Existiam movimentos que iam contra as ocupações, muito por parte de alunos e pais que não concordavam com elas. O Estado também se mostrava motivado a desmobilizar as ocupações.

Por parte do Estado veio a não disposição para o diálogo, a repressão e a violência, além de propagandas oficiais na tentativa de conquistar a opinião pública, inclusive dos jovens, em relação à reforma do Ensino Médio. A propaganda apelou para a possibilidade de “escolha” do jovem no tocante ao seu percurso formativo, incluindo a possibilidade de ensino técnico. [...] De parte da comunidade escolar vieram ataques de que se tratava de um movimento baderneiro, irresponsável, de que os estudantes estavam sendo manipulados, que depredavam as escolas e que estariam prejudicando os que queriam estudar. Tais ataques, reforçados na imprensa, revelam o predomínio

<sup>7</sup> Print screen das páginas virtuais das ocupações: acesso em <https://www.facebook.com/Ituiutaba-Ocupação-EE-Coronel-Tonico-Franco-1816686545211096/>, 12/03/2018, 15:30.

de uma representação negativa e preconceituosa em relação aos jovens, que tende a considerá-los na perspectiva “da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança”. (MARTINS, 2010, p.161).

No entanto, mesmo com estes movimentos que pretendiam desestabilizar o movimento, as ocupações se mantinham firmes. Em resposta às acusações de que as escolas estavam desorganizadas e sujas, as comissões seguiam postando imagens que contrariavam as acusações feitas e demonstravam como as ocupações se mantinham organizadas.

Imagem 6: Postagem referente à limpeza da escola Israel Pinheiro pelo ocupantes.



A imagem 6 representa como os ocupantes respondiam às acusações de vandalismo e a data nos mostra que o movimento estava perto do fim, partindo para o encerramento das ocupações. O registro fotográfico dentro das escolas era uma forma de se protegerem das acusações feitas pelos que eram contrários aos movimentos. Por isso, além de as páginas virtuais serem um espaço para divulgar os acontecimentos da ocupação, também serviam como uma resposta para as denúncias e recriações de grupos e do Estado. Assim, como a mídia utilizava imagens e vídeos para formar acusações contra os estudantes, as páginas serviam como

<sup>8</sup> Printscreen de acervo pessoal, retirado da página virtual criada no Facebook “Ituiutaba Ocupação – Israel Pinheiro”. Página desativada atualmente.

um “escudo” para acusações sem fontes confiáveis. Outro ponto para o qual chamamos a atenção é sobre a destinação de alimentos arrecadados que sobraram com o fim das ocupações. Os alunos da ocupação na Escola Israel Pinheiro decidiram fazer a doação para a “Casa Lar” de Ituiutaba, órgão cujo foco é as causas sociais. Uma postagem na página da ocupação mostrou os alimentos doados à instituição:

Imagem 7: Postagem referente às doações recebidas na ocupação, repassadas à Casa Lar de Ituiutaba.



As experiências vividas pelos ocupantes construíram relacionamentos entre os alunos, professores e pais, além de demonstrar como os jovens estudantes se interessam e contribuem politicamente na sociedade. As práticas e atividades realizadas demonstravam um tom de organização no enfrentamento direto às acusações de vandalismo inexistentes nas escolas ocupadas. A maneira como os ocupantes interagem, e como as páginas virtuais foram importantes para todo esse processo, demonstram como é possível criar relações sociais entre

<sup>9</sup> Printscreen de acervo pessoal, retirado da página virtual criada no *Facebook* “Ituiutaba Ocupação – Israel Pinheiro”. Página desativada atualmente.

os indivíduos no ambiente escolar, além de se utilizar as novas tecnologias virtuais de comunicação.

As experiências vividas nas escolas ocupadas contribuíram para a efetivação de diferentes aprendizados, facilitaram a aquisição de diferentes saberes e igualmente propiciou o acesso a diferentes culturas, além de fornecer a possibilidade de reflexão e debate a respeito do contexto político, social e educacional. Enfim, o movimento das ocupações cooperou para a aquisição de saberes que ultrapassam os currículos escolares, (BOUTIN e FLACH, 2017, p.439).

Para afirmarmos ainda mais a importância do uso das páginas virtuais nas ocupações em 2016, trouxemos como exemplo uma postagem feita pela página “Ituiutaba Ocupação E.E. Coronel Tonico Franco”, que foi compartilhada por outra página virtual, com alcance muito grande no *Facebook*. Trata-se da página “Mídia Ninja”, que promove ainda mais a discussão sobre movimentos sociais, além de ser declarada uma entidade de resistência contra o governo, o Estado e qualquer tipo de opressão, propondo caminhos de liberdade, igualdade e empatia com o próximo. Atualmente a página conta com mais de dois milhões de seguidores e possui um alcance muito grande nas redes sociais e na internet. Na imagem 8 mostra a publicação que foi compartilhada por eles, além de um breve texto comentando sobre as ocupações nas escolas, além de fomentar que a luta pela educação continue.

Imagem 8: Postagem feita pela página virtual da Mídia Ninja no Facebook.

A imagem 8 reafirma como o movimento das ocupações foi importante para a cidade de Ituiutaba e para o Pontal do Triângulo Mineiro, local onde a primeira escola a ser ocupada

<sup>10</sup> Printscreen da página: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/acontece-em-ituiutaba-mg-desde-o-dia-24-de-outubro-a-ocupação-por-tempo-indeterm/749428371881977/> Acesso em 22/07/17, 14:35h.

na região seria desta cidade. Os desdobramentos das ocupações demonstraram como os estudantes estão lidando com questões políticas, educacionais e de organização. Todos estes processos, com os quais os ocupantes lidavam durante os dias do movimento, colaboraram para a construção de uma consciência histórica e individual de cada um, pois foram momentos de aprendizado e elaboração de tarefas, além de conflitos existentes dentro do movimento e por parte dos que eram contrários. Vale ressaltar que o movimento teve seu fim a partir da desmobilização e movimentos de desocupação em cidades grandes. Com o fim da comunicação com as escolas das grandes cidades, as duas escolas de Ituiutaba, por exemplo, também decidiram pelo fim das ocupações. No entanto, cada momento da ocupação foi fundamental para a construção do caráter dos ocupantes. O texto abaixo corrobora esta afirmação:

As atividades desenvolvidas durante o processo de ocupação de escolas públicas em diferentes estados brasileiros contribuíram para o debate acerca de questões fundamentais que auxiliam no processo de consciência individual e coletiva, tais como: os efeitos nefastos da divisão hierárquica do trabalho que contribui para o distanciamento entre as classes sociais, colocando riqueza e miséria em polos opostos; o papel do Estado na manutenção e desenvolvimento do capitalismo, principalmente a respeito das ações empreendidas para a precarização das escolas e fragmentação (quando não eliminação) de conhecimentos necessários para a compreensão, crítica e superação da realidade, dentre outras. Enfim, as ocupações de escolas contribuíram, de forma incontestável, para a ampliação da consciência sobre as contradições da realidade o sujeito está inserido, podendo ser caracterizadas como etapa do processo de emancipação. (BOUTIN; FLACH, 2017, p.441).

Neste capítulo trouxemos questões pontuais desde o início das ocupações escolares em 2016, os processos políticos e as propostas de reformas que motivaram os movimentos de ocupações. Apresentamos a cidade de Ituiutaba e as duas escolas que foram ocupadas, além de expor as duas páginas virtuais criadas especificamente para que cada escola pudesse utilizá-las como ferramentas visuais de comunicação. Algumas imagens foram apresentadas com o objetivo de mostrar, mesmo que de forma mínima, como eram organizados o dia das ocupações e como as ações desenvolvidas na escola eram importantes, tanto pelas atividades que os estudantes desenvolviam, como pela divulgação nas mídias sociais, que revelavam o que acontecia no dia a dia. No capítulo a seguir pretendemos analisar algumas entrevistas com ocupantes das duas escolas em Ituiutaba e o que as ocupações representavam para eles. Foram ouvidos dois estudantes, uma mãe de aluno e uma universitária.

## **Capítulo 4. Uma análise sobre as ocupações a partir do olhar dos sujeitos das escolas ocupadas em Ituiutaba - MG**

Neste capítulo apresentaremos as entrevistas coletadas com quatro indivíduos, sujeitos participantes diretos das ocupações estudantis em Ituiutaba em 2016, nas duas escolas já mencionadas. Buscamos apresentar algumas respostas e análises, a partir das experiências particulares de cada um, e como cada um desses indivíduos entrevistados se posicionaram durante e após os movimentos de ocupações. É importante ressaltar que a busca por entrevistados foi árdua, trabalhosa e isso se deu devido a três pontos: o fato de muitos estudantes e participantes das ocupações se negarem a conceder entrevistas, muitos alunos que participaram terem se formado e não ter sido possível conseguir o contato deles, e, por fim, pais e universitários que aderiram ao movimento, que também dificultaram a comunicação e desejaram não participar das entrevistas.

Sendo assim, neste terceiro e último capítulo, serão apresentadas quatro entrevistas, buscando expor as diferentes opiniões, a partir de cada pergunta feita aos entrevistados. Como já mencionado anteriormente, foram feitas quatro entrevistas em forma de gravação de áudio, que serão apresentadas no próximo tópico, por meio de respostas transcritas e pontos relevantes para esta pesquisa. Por fim, neste trabalho, teceremos algumas considerações sobre as ocupações estudantis ocorridas na cidade de Ituiutaba MG, em 2016.

### **4.1 Apresentando os entrevistados: o perfil de cada um e seu envolvimento nas ocupações em Ituiutaba**

Os entrevistados deste capítulo se dispuseram a contribuir com suas experiências pessoais e relatos sobre o processo de ocupação das escolas na cidade de Ituiutaba, tanto na Escola Estadual Israel Pinheiro, quanto na Escola Estadual Tonico Franco. O processo de busca e contato com os participantes das ocupações foi árduo, pois mesmo com um grande número de adeptos ao movimento, poucos se dispuseram a contribuir com a entrevista e alguns inclusive desmarcaram ou simplesmente não compareceram ao encontro para a realização das gravações. Sendo assim, percebemos que a melhor maneira seria aprofundar, de forma mais minuciosa, com os entrevistados que se dispuseram a contribuir. A partir deste ponto construímos um pequeno roteiro de entrevista para que pudéssemos ter um melhor direcionamento no momento das gravações. O roteiro utilizado será apresentado mais à frente neste trabalho.

Os quatro entrevistados possuem características diferentes e particularidades que serão expressas nos pontos abaixo. Vale ressaltar que suas identidades foram preservadas e o termo

de consentimento consta no Apêndice A. Buscamos entrevistar indivíduos que participaram de maneiras diferentes durante as ocupações. Fazem parte dos sujeitos participantes deste estudo uma ex-aluna da escola Israel Pinheiro, um ex-aluno da escola Tônico Franco, uma mãe de aluna da escola Israel Pinheiro e uma universitária que atuou na escola Tônico Franco. Abaixo temos seus nomes fictícios e algumas características pertinentes a este trabalho:

- Carolina: 18 anos. Estudava na Escola Estadual Governador Israel Pinheiro durante o período das ocupações, local onde cursava o 1º ano do Ensino Médio. No período em que foi realizada a entrevista, cursava o 3º ano do Ensino Médio na mesma escola. A escolha por sua participação se deu por indicação de um dos ex-alunos que estudava na mesma escola e se negou a dar entrevista. Ao ser procurada, Carolina se colocou à disposição e respondeu a todas as perguntas, de forma agradável e tranquila.
- Luciano: 19 anos. Estudava na Escola Estadual Coronel Tônico Franco durante o período das ocupações, escola em que cursava o 2º ano do Ensino Médio. No período em que a entrevista ocorreu, já havia se formado no Ensino Médio, por meio de avaliação realizada pelo Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC). A escolha por sua participação se deu pelo contato que obtivemos durante o período em que fui professor substituto de História na mesma escola, e pelas observações que fizemos, a partir de seu comportamento durante as ocupações.
- Graciele: 26 anos. Durante as ocupações estava no 2º período do Curso de Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal. No momento da entrevista, cursava o 6º período do mesmo curso, além de já ser professora contratada pelo município de Ituiutaba. Sua participação nesta pesquisa se mostrou importante pelo fato de ser uma universitária que participou recorrentemente dos dias da ocupação, na Escola Estadual Tônico Franco, e estar identificada com os propósitos dos ocupantes à época, demonstrando-lhes total apoio.
- Milene: 35 anos. Durante as ocupações esteve presente na Escola Estadual Governador Israel Pinheiro, onde sua filha era aluna de Ensino Fundamental. Durante as ocupações, era bolsista de PIBID e possuía vínculo com a mesma escola. Sua participação nesta pesquisa é importante pelo fato de ser mãe de aluno de uma das escolas ocupadas, além da sua participação na organização e arrecadação dos materiais necessários para que as ocupações tivessem continuidade.

Estes são os quatro perfis dos entrevistados, pois suas apresentações foram feitas de forma breve por pretendermos trazer ao máximo suas falas e experiências que colaboraram para



o movimento das ocupações em 2016. Nesse sentido, no próximo tópico, citaremos diretamente as respostas e conceitos, por meio dos quais cada um se expressou no momento da entrevista, desde suas opiniões particulares até suas experiências e pontos de vista, a partir das ocupações que vivenciaram no último trimestre de 2016, com as ocupações escolares em Ituiutaba - MG.

#### **4.2 Entrevistas com ocupantes: o que eles têm a dizer sobre as ocupações em Ituiutaba?**

Neste momento apresentaremos os resultados das entrevistas realizadas com os quatro indivíduos, sujeitos participantes deste estudo. Antes de aprofundarmos nas falas, é importante ressaltar e exibir o roteiro de perguntas, que buscamos seguir no momento das entrevistas, produzido a partir de questões importantes e relevantes para esta pesquisa, de pleno acordo com a orientadora, bem como com os entrevistados. O quadro apresenta as questões levantadas:

<b>Quadro 1 - Perguntas – Entrevistas – Ocupações 2016</b>
1) Você participou das ocupações desde o início até o fim do movimento?
2) Quais eram suas motivações para participar das ocupações?
3) Você se recorda quais foram os principais motivos das ocupações?
4) Dentro da escola, além dos alunos, quem mais participava?
5) Existia membro de algum partido político no movimento?
6) Como eram arrecadados os alimentos e materiais de limpeza?
7) Existia mais algum produto que era utilizado?
8) Existia algum líder? Como eram organizadas as atividades?
9) Alguns ocupantes dormiam no local?
10) Quem se disponibilizou a ajudar nas ocupações?
11) Você sofreu algum tipo de repressão durante ou após as ocupações?
12) Você acha que o Estado se importou com o movimento?
13) Em sua opinião, o formato das atividades durante as ocupações foi satisfatório?
14) O que significou o movimento para você?
15) Em sua opinião, as ocupações foram legítimas?
16) Finalizando, fale um pouco sobre sua experiência e como as ocupações contribuíram para sua formação na escola e na sociedade.

Utilizamos o roteiro de perguntas acima para desenvolver uma melhor comunicação com os entrevistados. É importante apresentar um molde de perguntas concreto, pois no momento das gravações ficaram perceptíveis os semblantes e reações que cada um possuía com relação a uma determinada pergunta. Além disso, o roteiro direciona e não deixa o entrevistador perder o foco das reflexões, ou até mesmo fazer alguma pergunta ou questionamento que não se encaixe no tema ou até mesmo cause algum desconforto aos entrevistados. A partir de agora, trabalharemos diretamente com o resultado das entrevistas.

## **Entrevistas**

As primeiras questões que indagamos estavam diretamente ligadas ao período em que participaram das ocupações, se foram desde o primeiro até o último dia, ou quais os dias em que mais participaram. O objetivo destas perguntas era expor como cada um dos entrevistados participou e de que forma atuou nos dias das ocupações.

Eu fui um dia só, só no primeiro dia, nem tava sabendo que tinha começado as ocupações. Eu cheguei tinha uns cartazes no portão, primeira coisa, eu fui sem saber que ia ter (ocupação), eu fui achando que ia ter aula, aí acabei e fiquei por lá mesmo. Eu fiquei só o período da manhã né? Me falaram que não podia ir embora, que eu tinha que ficar lá. Eu disse que só ia ficar o horário da minha aula, depois ninguém podia me segurar não. (LUCIANO, 2018).

Não, eu perdi a primeira semana, e os dois últimos dias, e o resto, desde as sete da manhã até as últimas horas, eu sempre ficava na escola. Eu não dormia na escola porque era perigoso, os vizinhos jogavam bomba, garrafa de bebida, chamava a polícia, aí minha mãe achou melhor eu não ficar lá. A maioria dos alunos dormia, mas eu não. (CAROLINA, 2018).

Como vimos acima, temos dois posicionamentos distintos sobre os dias da ocupação. Os dois ex-alunos tinham opiniões diferentes, pois enquanto Carolina participou recorrentemente em quase todos os dias dos movimentos, Luciano sequer sabia que as ocupações iam acontecer, e ainda assim não pretendia ficar o dia todo, mesmo sendo apenas o primeiro dia. Também ouvimos Graciele e Milene sobre os dias em que ambas participaram:

Eu não pude participar de todos os dias, não participei dos dois primeiros e mais ou menos dos três últimos dias. Eu participei durante o intermédio. Quando eu cheguei, a organização já estava montada, os meninos já estavam bem organizados e eles foram se adaptando às necessidades que aconteciam durante o período. Eu não pude presenciar os últimos dias, porque eu fiz uma cirurgia no período. (GRACIELE, 2018).

Sim, participei das ocupações como visitante, e ajudei a recolher doações para as escolas que estavam sendo ocupadas, pois fazia parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em Ituiutaba. (MILENE, 2018).

Tanto Graciele, quanto Milene, não eram alunas. Ambas eram universitárias, inclusive uma delas possuía ligação com o PIBID. É interessante observar como estas entrevistadas já expressaram algumas opiniões dentro da primeira pergunta. Enquanto Graciele ressaltou como o movimento estava bem organizado pelos alunos, Milene revelou que ajudava a recolher as doações para que o movimento de ocupações continuasse.

No que diz respeito às motivações que cada um possuía para participar das ocupações, obtivemos os seguintes relatos:

A gente pensava não só na gente, mas nas próximas gerações. A maioria que estava lá já estava saindo do Ensino Médio, aí não tinha que preocupar com “reforma do Ensino Médio”. Então, estavam pensando nos próximos que iam estudar, não tinha ninguém egoísta. Eles queriam pelos próximos que iriam entrar na escola, em todo o Brasil que estava estudando, que não ia ser uma coisa boa, que tinha outra maneira de tirar o país da crise, sem congelar gastos com educação. (CAROLINA, 2018).

Enquanto Carolina se mostrou interessada em apoiar não somente a sua geração, mas as próximas que viriam a estudar em escola pública, o entrevistado e ex-aluno Luciano não respondeu a esta pergunta e não percebemos nenhum interesse dele em demonstrar que possuía motivações para participar das ocupações. Neste momento da entrevista Luciano simplesmente decidiu não emitir nenhuma opinião ou fala. Graciele, como já havia passado pelo Ensino Médio e estava no Ensino Superior, relatou suas motivações no próximo trecho. Milene também respondeu, mas de forma breve:

Durante o meu Ensino Médio eu não tinha presenciado uma vivência tão de militância entre os alunos, e eu achei de extrema importância os alunos se mobilizarem diante da atual conjuntura política no momento, porque foi um movimento político contra a PEC 244, depois a PEC 55 e a Reforma do Ensino Médio. E eu achei de extrema importância os alunos se mobilizarem e dizerem “isso não nos agrada, não é por aí o caminho” e aí eu fui colaborar nesse sentido, por perceber essa importância e querer ajudar também. Um dos motivos que me motivou foi a reforma do Ensino Médio, né? Que inclusive foi aprovada essa semana. Aquilo era uma eminência do projeto ter saído, e aí que posteriormente a PEC dê gastos, né? De corte de gastos depois que virou PEC 55, que também foi aprovada, e era de extrema importância os alunos se mobilizarem e dizerem que não, naquele momento. E foi basicamente isso. Os alunos que estavam lá discutiam sobre isso, chamavam professores da universidade para dar aulas lá, para explicar aos alunos o que era isso, como eram os processos institucionais e eles estavam ali para dizer realmente não a isso. Não era para outro sentido, além desse. (GRACIELE, 2018).

As minhas motivações para participar das ocupações eram as que, naquele momento, eu queria saber mais sobre o movimento, eu queria participar, ajudar de alguma maneira os estudantes que estavam manifestando. Porque, eu também não concordava com os projetos que o governo estava querendo impor. (MILENE, 2018).

Em sequência, indagamos a respeito da participação da sociedade nas ocupações, ocupantes e manifestantes que iam além dos alunos das próprias escolas, como pais de alunos e professores, tanto professores da Rede Básica como os de Ensino Superior, que participavam também atuando nas palestras e rodas de debate. Sobre a presença de outras pessoas nas ocupações, consideremos as seguintes conclusões:

Teve mais participação de professores do que de pais, no dia a dia. Só na assembleia que teve prá saber se a ocupação ia continuar que teve mais pais. Mas no dia a dia, um pai ou outro que ia pra saber se tinha comida, se precisava de algo. Agora os professores estavam apoiando bastante, mas eles não dormiam, só os alunos e o pessoal da UFU e da UEMG que foi pra dar suporte, porque tinha muita gente menor de idade. Aí o pessoal da faculdade ajudava porque era de maior. (CAROLINA, 2018).

Carolina nos relatou que na escola Israel Pinheiro, onde ela ocupava, a presença dos professores era maior que a dos pais, inclusive fazendo uma crítica aos pais que não se importavam com o movimento e foram apenas no dia da assembleia para decidir se a ocupação ia continuar ou não. Já com Graciele, que esteve na escola Tonico Franco, obtivemos o seguinte relato:

Além de mim, tinha um público grande da universidade, professores que apoiavam os alunos, que embora não estivessem na organização, não tinham dado o ponta pé, mas que compreendiam a importância dos alunos se mobilizarem. Alguns professores estavam ali apoiando e também pessoas da comunidade externa, como alguém, por exemplo, do alimento, que queriam ver como estava o movimento, pais de alunos que compreendiam a importância, que estavam ali. Então era esse o grande público da universidade, professores da universidade, professores do Ensino Básico. (GRACIELE, 2018).

No que concerne a presença de pessoas ligadas a partidos políticos dentro das escolas, as falas foram praticamente iguais, relatando que poderia até haver militantes partidários, mas nenhuma bandeira de partido político foi levantada. Sobre esta questão, obtivemos as seguintes e breves respostas:

“Não, bandeira de partido não. Não, que a gente ficou sabendo, não teve ninguém.” (LUCIANO, 2018).

“Compareceram, também, pessoas de posicionamento de partidos políticos, mas, partidários não”. (GRACIELE, 2018).

“Nos momentos que eu estava presente nas duas escolas ocupadas, eu não me lembro de ver nenhum integrante de partidos políticos nas ocupações. Apenas pessoas ligadas ao sindicato dos professores, que também eram professores.” (MILENE, 2018).

“Não tinha nada de político lá, a briga foi dos alunos mesmo contra a PEC que tava tendo.” (CAROLINA, 2018).

Como as respostas sobre as bandeiras partidárias no movimento foram breves e curtas, partimos para as questões em relação à arrecadação dos alimentos e materiais de limpeza. Os mantimentos eram necessários para manter a organização e a escola deveria permanecer limpa. Vale salientar a necessidade do preparo de alimentos para os alunos e ocupantes que estavam ali presentes em todos os momentos do dia. Sobre os pontos relacionados às arrecadações de alimentos e materiais, Carolina citou que, na maioria das vezes, os próprios alunos arrecadavam o dinheiro para comprar. Graciele apontou ter participado de várias arrecadações, enquanto Milene também se propôs a ajudar na arrecadação de mantimentos. Quanto ao participante Luciano, como não tinha interesse em estar presente todos os dias, ele não respondeu a esta questão.

Os alunos se juntavam prá comprar a maioria. Poucos eram arrecadados. Aí tinham que publicar que tava sem comida, sem almoço e sem janta. Precisava de mais comida do que no dia de aula normal. Tinha pais que doavam café da manhã, tinha mães que iam lá fazer o almoço, mas eram mais os pais dos filhos que estavam lá no dia a dia. (CAROLINA, 2018).

Carolina ressaltou a importância dos pais que doavam o café da manhã e as mães de alunos que iam até a escola para preparar o almoço. Segundo ela, muitos dos materiais eram comprados pelos próprios ocupantes. No entanto, Graciele e Milene relataram que conseguiram arrecadar materiais para a ocupação, inclusive que uma das arrecadações foi feita durante um evento que ocorreu na universidade. Até mesmo algumas verduras foram arrecadadas por Graciele, que em sua fala:

Eu participei de uma arrecadação, uma que nós fizemos durante um evento da UFU num auditório e nós pedimos a fala e explicamos que tinham alunos que estavam em ocupação e pedimos doação em dinheiro. E o pessoal pediu doação em supermercado e eu pedi em uma horta e a gente conseguiu vários pés de alface. Então as doações, os alunos faziam todos os dias, levantavam o que tinha na despensa e aí organizavam o que eles iam precisar e os próprios alunos faziam comida, organizavam a despensa e limpavam a cozinha. E aí eles mesmos organizavam o que eles estavam precisando e punha para fora estas informações e aí vinha um grupo de mobilizações e ia tentar arrecadar. Não era solicitado nenhum outro tipo de arrecadação, além de alimentos e materiais de limpeza. (GRACIELE, 2018).

Chamamos a atenção para Milene quando, em sua fala, ela revela que além dos materiais arrecadados, os ocupantes também disponibilizavam e conseguiam coletar materiais relacionados às atividades que aconteciam no dia a dia, como filmes e livros para leitura durante os momentos de lazer, além dos materiais para confeccionar as faixas e cartazes que os alunos colocavam nos portões e nas paredes da escola.

Quanto aos alimentos e materiais de limpeza, estes eram arrecadados por meio de doações que partiam da comunidade ou mesmo da universidade. Também foram utilizados filmes e livros emprestados pelos professores e faixas e cartazes que foram confeccionados pelos alunos. (MILENE, 2018).

A próxima pergunta feita aos entrevistados diz respeito à liderança das ocupações, pois muito se afirmou, inclusive neste trabalho, que as decisões e organizações eram feitas de forma horizontal, de maneira que todos os ocupantes pudessem opinar a respeito das atividades e planos para os dias seguintes. No entanto, compreendemos haver diferentes respostas e pontos de vista a respeito desse tema. Luciano foi direto ao responder que “Tinha três que estavam tomando frente, três alunos do segundo ano, igual eu” (2018). Talvez esse posicionamento tenha se dado também pela falta de interesse, ou até mesmo pelas motivações contrárias às ocupações por parte de Luciano. Já com as outras entrevistadas, conseguimos respostas diversas:

As decisões eram tomadas por todos. Avisava sempre um dia antes prá tomar qualquer decisão, prá organizar o tipo de aula que ia ter, que ano eles eram, que tipo de matéria ia precisar estudar. Como a maioria era do Ensino Médio, tava perto de ensino médio, o que mais tinha era aulão, prá preparar. Tinha alunos dos terceiros anos preocupados com a prova. (CAROLINA, 2018).

Carolina chamou a atenção para o fato de que todos os ocupantes tinham voz ativa na tomada de decisões, inclusive relacionando com os alunos mais velhos que estavam se preparando para “a prova”, que seria a prova do ENEM. Já Milene relatou que não percebeu nenhum líder nas ocupações, mas alunos que se dispunham a ajudar mais do que outros, e ainda observou o fato do incentivo que os professores e bolsistas davam para que a organização continuasse sendo bem elaborada:

Eu não me lembro de ver líderes. Alguns alunos participavam mais do que os outros, mas todos ajudavam e participavam. Os bolsistas e os professores da universidade participavam na organização dando palestras, incentivando a se organizarem, a fazerem a limpeza, a organizarem o almoço ou o jantar e as atividades que seriam realizadas nas escolas durante a ocupação. (MILENE, 2018).

Quanto à Graciele, tivemos uma resposta diferente das demais, no sentido de que ela expressou algumas questões que chamam a atenção para o fato de determinados ocupantes irem a uma sala na escola para tomar decisões e propor atividades e planos para as ocupações.

Segundo Graciele, foi possível perceber um grupo de liderança, inclusive um aluno que seria o “coordenador” das ocupações”. Além disso, foi chamada a atenção para o fato de haver uma “lista de opiniões”, uma folha na qual o objetivo era colocar propostas e opiniões para as ocupações.

Tinha um grupo de liderança, mais especificamente um aluno que meio que coordenava. Aí as reuniões eram fechadas, e eu participei de uma, e aí eles se reuniam em uma das salas da escola para determinar as atividades que seriam realizadas. Uma palestra ou alguma manifestação que ia ser feita, ou alguma palavra de ordem. E aí essas reuniões eram fechadas com a liderança dos alunos e algumas pessoas que estavam colaborando mais ativamente. Ex.: professor, professor da universidade ou alguns alunos da universidade que estavam ali. Caso algum aluno que tivesse interesse e não participasse da liderança, quisesse contribuir de alguma forma, também seria ouvido. Não especificamente nessa reunião. Era primeiro passada uma lista, eu presenciei essa lista duas vezes em dois dias, passava uma lista de opiniões e essa lista era discutida lá dentro. Então os alunos falavam não na reunião fechada, mas, eles sim, punham suas opiniões que seriam discutidas em reuniões fechadas. (GRACIELE, 2018).

Já havíamos ressaltado neste trabalho a maneira como eram feitas as tomadas de decisão, visto que os ocupantes tinham voz ativa de maneira igualitária entre eles. Com as respostas destas entrevistas, percebemos que existiam alguns que se destacavam mais, e também havia comissões e reuniões com determinados grupos para possíveis decisões futuras. É essencial destacarmos esta parte das falas, pois vai de encontro ao discurso de que todas as decisões eram tomadas de forma unânime, mesmo que na entrevista a ex-aluna Carolina expressasse que tudo era decidido de forma conjunta mas as características de cada escola ocupada com relação à organização se mantinha diferente.

Quando indagados sobre as condições de dormir e quem dormia nas escolas, somente Graciele se expressou melhor, enquanto Luciano e Milene responderam que “não”, ou seja, não dormiam. Carolina, bem no início da entrevista, expôs que ia embora para casa e voltava para a escola praticamente todos os dias. Graciele relatou, de forma detalhada, como era o momento de encerrar as atividades do dia e de se recolher para dormir.

Alguns dos ocupantes dormiam na escola, eu ficava lá até o portão fechar e não dormia na escola, mas os alunos se organizavam e separavam, em salas, meninos e meninas. Eles distribuía os colchões e aí dormiam os alunos que estavam, efetivamente, ali direto na escola. Tinham alunos que não iam nem em casa. As mães levavam roupas e ali eles trocavam ou iam muito rápido e já voltavam. Eles ficavam dormindo lá. Os portões eram fechados às 22h30min ou 23:00 o mais tardar, e os alunos que ficavam de dentro quando o portão era fechado com algum aluno que não ia dormir, ou com algum simpatizante como eu, abria o portão e saía e já vinha alguém e trancava. (GRACIELE, 2018).

Após questionarmos sobre dormir no local, partimos para outro ponto importante sobre quem ajudava nas ocupações, ajudar no sentido de operar e manusear, tanto os alimentos quanto os materiais de limpeza, de arrumar as salas, organizar os cartazes, ajudar na limpeza dos espaços, em tese, trabalhar manualmente, “colocar a mão na massa”.

Não eram só os alunos que ficavam lá que auxiliavam na limpeza e na preparação dos alimentos. Eu mesma ajudei, eles deixavam aberto para quem quisesse participar. Mas quem organizava o que ia fazer, o que ia cozinhar, qual atividade que tinha que fazer como a quadra que tinha que lavar, o pátio eram os próprios alunos. Mas, quem disponibilizasse ajudar, como foi o meu caso, não teve impedimento nenhum para isso, mas, a iniciativa do que fazer, do que cozinhar, da hora de fazer, era dos alunos. (GRACIELE, 2018).

Quem se disponibilizou a ajudar nas ocupações foram pessoas da comunidade, bolsistas que atuavam nas escolas públicas da cidade, e os professores também, de algumas escolas públicas e a universidade. Todos se disponibilizaram a ajudar nas ocupações. No quesito das atividades que foram realizadas nas escolas durante as ocupações, eu acredito que muita coisa deveria ter sido melhorada, se mais pessoas tivessem se disponibilizado a ajudar, a beneficiar do movimento que beneficiaria o coletivo e não somente àqueles que estavam protestando, ocupando as escolas ou ajudando os estudantes que protestavam. O movimento para mim foi muito importante, pois eu pude perceber que naquele momento os estudantes estavam organizados. Mas, eu pude perceber, também, que alguns professores tentavam desmotivar os estudantes, com ameaças de que a polícia invadiria as escolas a qualquer momento, caso estas não fossem desocupadas. (MILENE, 2018).

Assim como Graciele apontou em sua fala, por mais que a maioria dos ocupantes ajudasse na manutenção e no dia a dia do movimento, tudo o que ocorria dependia da disponibilidade dos que ali estavam, daqueles que se colocavam à disposição para determinadas atividades. Mas, é necessário evidenciar que algumas atividades exigem determinadas habilidades, como, por exemplo, confeccionar cartazes, ou até mesmo cozinhar. Milene chamou a atenção para um fato que estaremos explorando neste momento, que é a desmobilização por parte de professores para com os ocupantes. Sabemos que o movimento reuniu não somente os adeptos, mas também grupos que eram contra e até mesmo praticavam atos para desmobilizar as ocupações. Nesse sentido, Carolina nos expôs, em sua fala, sobre pais de alunos que atacavam os ocupantes:

Todo dia de manhã praticamente tinha um pai lá, prá saber que dia ia voltar, aí vinha com agressão verbal, sacudia o portão, e falava que o filho tinha que ir prá aula sim. Aí a gente falava que a escola tava aberta, que tinha aula, que o filho dele podia ir prá aula sim. Mas nada disso adiantava, era na parte da ignorância mesmo. (CAROLINA, 2018).



Por se tratar de um movimento que envolvia um público grande de jovens, é triste perceber como alguns adultos e pais de alunos se comportavam, ameaçando os ocupantes que estavam na escola. Supomos não ter havido nenhuma agressão física nestas escolas trabalhadas, por medo de serem presos por agredir algum menor de idade e pelo fato dos manifestantes estarem dentro da escola. Nessa mesma perspectiva, Carolina reforça a perseguição de alguns pais que se infiltravam nas escolas, alegando serem “entregadores de gás” para, de alguma forma, causar algum desconforto e, até mesmo, sabotar o movimento.

Teve gente que entrou falando que era entregador de gás, prá conferir se o gás não estava vazando. Aí entrou nos quartos que os meninos estavam dormindo, mexia nas coisas, dava uma voltinha na escola. Essa mesma pessoa entrou na escola umas três vezes, com diferentes perfis, e ele era pai de um aluno, que era contra. A gente descobriu isso numa reunião que teve com os pais, e a gente confrontou ele que ia como isso, como aquilo, e aí ele tentou agredir alguns alunos, pôr o dedo no nariz de alguns alunos. A gente tentava explicar os motivos que a gente tava ali, mas ele era ignorante, postava coisa no *Facebook* contra a gente, fazia corrente no *Whatsapp*, que tinha prova contra a gente por causa das câmeras da escola. (CAROLINA, 2018).

As manifestações contra as ocupações não ocorriam somente por parte dos pais, pois membros da direção das escolas também se opunham a elas. E, nesse caso, temos relatos das duas escolas. Em um dos casos Carolina ressalta que uma das diretoras pegou todos os materiais que os professores usavam para as aulas e os guardou, de maneira que não pudessem ser utilizados. Já na fala de Graciele, existiu um áudio vazado no qual alguém da diretoria da escola atacava os movimentos de ocupação.

A vice-diretora não era nada a favor, os professores queriam que tudo continuasse normal, assim “vamos fazer a lista da chamada”, eles queriam as salas prá dar aula, canetão pra usar o quadro. Mas a diretora pegou os materiais e levou prá casa dela. Prá ela aquilo não tava valendo como aula. O diretor não era a favor nem contra, ele não queria que pegasse mal prá ele, mas ele queria o bem pros alunos também. Ele queria manter o bom convívio, direto ele tava na secretaria, atendendo o telefone dos pais que eram contra. (CAROLINA, 2018).

Inclusive teve um problema com a diretora de uma escola lá, teve um escândalo, um áudio de uma professora que saiu, falando que os alunos estavam fazendo baderna e que ela não aprovava aquilo na escola, mas que depois de um diálogo ela voltou atrás e não apoiou, mas também, não atrapalhou. Igual ela queria fechar a escola e colocar os alunos para fora. Ela não realizou isso por fim. A direção não participava tanto, mas os professores, sim. (GRACIELE, 2018).

É relevante chamarmos a atenção para este fato do áudio vazado, e também mais acima nos foi falado sobre correntes no *Whatsapp* que eram contra as ocupações, pois o uso de grupos em redes sociais também foi uma ferramenta utilizada pelos ocupantes. No capítulo anterior

exibimos duas páginas virtuais criadas especificamente para as ocupações. No entanto, elas seriam utilizadas como uma forma de divulgar e expor os acontecimentos do dia a dia para o grande público. Luciano relatou que acompanhava as ocupações por meio destas páginas e Carolina se expressou sobre uma destas páginas criadas na sua escola:

Eu acompanhava essa página todo dia, eu fui marcado numa foto lá, tinha muita gente criticando as postagens lá. Eu fiquei sabendo que rasgavam os cartazes também. Depois disso o pessoal da ocupação pichou o muro e o portão do fundo da escola. Fiquei sabendo das ocupações do Israel só pela internet, e eu moro praticamente do lado do Tônico Franco. Então, mesmo que eu não fosse, eu ficava sabendo de tudo que acontecia, via o pessoal lá na porta. Inclusive eles pediam alimento na internet, direto, porque eles só ficavam lá o dia inteiro. Eu lembro deles postarem fotos de alimento, muito alimento na internet. (LUCIANO, 2018).

No *Facebook* tinha uma página que eles publicavam o que ia fazer no dia, as oficinas, as aulas e os aulões que iam ter, pra chamar os alunos, “aí vai ter aula, vai ter atividade, vem.” E a gente colocava o nome do professor do dia. Partiu de uma pessoa fazer a página, aí ela propôs e todo mundo concordou, era pra ajudar, né? No *Facebook* os pais viam, os alunos viam, tinha aluno que não tinha *Facebook*, mas ficava sabendo pelo *whatsapp*. (CAROLINA, 2018).

Questionamos os entrevistados sobre a utilização de redes sociais para a organização das atividades e das ocupações, e obtivemos respostas diferentes. Enquanto Luciano e Milene declararam não ter participado de nenhum grupo específico, Graciele assumiu não saber de um grupo específico. Já Carolina disse estar ciente do uso, e inclusive até em ter estado presente em grupos da ocupação, na rede social *Whatsapp*. A facilidade ao acesso tornou este aplicativo um ponto forte para as ocupações; sua rapidez e facilidade na comunicação agilizava processos e mantinha os grupos de ocupantes de todo o Brasil de forma mais unida, visto que o contato poderia reforçar e estimular ocupantes em todo o país.

Não houve um grupo específico de *Whatsapp*, nós mantínhamos contato com alguns integrantes que estavam mais diretamente, que estavam lá dia e noite. E aí esses integrantes falavam “olha, estamos precisando de tal alimento”, e a gente mobilizava para arrecadar. Tinha um grupo de mobilização, mas um grupo específico, não me lembro de participar. (GRACIELE, 2018).

O *Whatsapp* era usado pra conversar com os grupos de outras escolas, de Uberlândia, tinha representante das ocupações de todo o Brasil, pra gente ficar sabendo o que estava acontecendo nas outras escolas, que forma de resistência eles estava usando porque teve escolas que realmente a polícia invadiu. A gente tinha que manter esse contato pra saber o que estava acontecendo. O grupo do *whatsapp*, que tinha gente do Brasil inteiro, tinha um representante de cada escola. Aqui da cidade tinha um grupo com o pessoal do Tônico Franco e tinha um que era só do Estadual. (CAROLINA, 2018).

Percebemos que os grupos mantinham as ocupações mais fortes, pois cada contato e cada relato de experiência, ou forma de resistência que fosse divulgada, manteria o movimento

firme até o máximo de tempo possível. Em sequência, indagamos a respeito das atividades que aconteciam na escola e todas as dinâmicas e aulas que ocorriam dentro das ocupações. Nesse ponto conseguimos opiniões divergentes. Enquanto Carolina e Graciele valorizavam a maneira como as atividades aconteciam e eram constituídas, Luciano se posicionou contra a maneira e o formato das atividades.

Tava tendo matéria dada pelos nossos professores, mas eles não queriam ir. Prá eles a preocupação era só passar de ano. Se tivesse um jeito deles de passar de ano sem ir na escola, prá eles já era bom. Eles só queriam a nota do bimestre, mesmo tendo aula e o pessoal estudando, junto até ajudando, até com vídeo aula, mas os que eram contra não iam. (CAROLINA, 2018).

Eu acho de extrema importância as atividades que eram realizadas na escola, aulas de música, a forma como eles se organizavam, porque a cultura está extremamente associada à educação e ao processo de ensino e educação. Eu acho que a educação sem cultura é nada. E aí se você tem alunos ali, digamos, de uma renda menor, negros, e eles precisam se ver representados nesses movimentos, quando você toca uma música assim, de hip hop, eu acho de extrema importância e relevância. Eu acho que todas as atividades que foram realizadas com os alunos ali, foram de extrema importância. Desde uma aula de dança que eu vi, desde uma aula de música, e eles associavam com muitos debates. (GRACIELE, 2018).

Enquanto Carolina destaca que mesmo tendo aula dada pelos professores, os alunos e indivíduos que eram contra não compareciam, Graciele foca na relevância que as atividades que envolviam música e dança possuíam, bem como a representação que os alunos mais pobres e negros possuíam com atividades que relacionavam música de hip hop. Quando questionamos Luciano sobre o formato das atividades, ele foi bastante claro se mostrando contra, inclusive relatando que as ditas “aulas de música”, envolviam apenas algumas pessoas manuseando o violão, tocando e cantando aleatoriamente.

Teve palestra com os professores que nem eram da escola, teve aula de música, mas era só uns caras tocando violão, só palestra sobre coisa nada a ver com escola. A aula de música foi só um cara cantando, mas tinha o nome de aula de música, Não falo que é prá não ter aula, mas o pessoal que estava ali era mais prá passatempo, prá ter diversão Pode até trazer coisa positiva, mas do jeito que tava acontecendo ali, não daria certo. Igual a gente falou, era semana da prova do ENEM, tinha gente querendo estudar na escola e não podia, tava sendo impedido de estudar. Então, do jeito bagunçado que foi tomado ali, eu acho que não. Tirar o horário normal de aula prá poder fazer isso não. (LUCIANO, 2018).

Após questionarmos os entrevistados sobre o formato das atividades ocorridas nas ocupações, partimos para questões que envolvem um caráter mais pessoal e subjetivo em suas respostas. Até este momento a pretensão das perguntas estava ligada ao fato da observação e relato dos entrevistados. Foram feitas perguntas que buscaram obter suas opiniões e

particularidades a respeito do tema pesquisado. Sendo assim, a primeira questão que buscava esse sentido diz respeito ao valor significativo que as ocupações tiveram em suas vidas pessoais e sua importância para o crescimento pessoal, tanto em questões educacionais, quanto em sociedade.

Prá mim foi muito importante, porque eu sempre fui uma pessoa muito desligada com política, mas estava sempre em algum movimento. Prá mim é super importante participar dessas coisas. Só mais uma coisa, teve um negócio que eu queria falar...(silêncio) que me deixou muito abatida na época, não sei se você lembra, quando o governo liberou uma forma de tortura psicológica. Então o governo liberou ruído à noite na hora de dormir, bomba de cheiro, desligar gás, água e energia. Então realmente tinha gente que fazia, eram coisas muitas pesadas, aí e penso, será que essas pessoas não tinha filho, não pensa no outro? Essa foi uma das coisas que mais me marcou. E isso foi quando o movimento já estava fraco, tava todo mundo cansado. (CAROLINA, 2018).

Em sua fala, Carolina expressou a importância do movimento, relacionando que as ocupações a deixaram mais próximas de questões políticas. Além disso, ela deixou clara sua tristeza e lamentação com as atitudes que o governo tomou em relação à tortura psicológica. No entanto, não temos informações suficientes para sustentar esta fala, talvez tenha sido uma experiência particular, uma informação repassada até mesmo em algum dos grupos digitais das ocupações. Entretanto, percebemos que a sua maior indignação foi com o governo. Nesse ponto, Graciele também compartilha das mesmas opiniões, relacionando sua crítica ao governo com o benefício às elites. Milene também expõe sua experiência de forma positiva, chamando o foco para a força dos estudantes que ocuparam as duas escolas.

Eu acho que a importância do movimento vem diferente, com a necessidade de combate às imposições governamentais que a gente tem de beneficiar a elite, as grandes classes e quando alunos do Ensino Médio, que era uma coisa, prá mim, inédita. No Ensino Médio eu fui do Grêmio no nono ano. No Ensino Médio a gente não tinha mobilização crítica nenhuma. Aí, desses alunos mobilizados conseguir fechar duas escolas, foi importante para a minha formação. Eu tinha acabado de entrar na universidade e poder ver que alunos da universidade estavam se mobilizando foi muito importante. O movimento por mobilização é muito importante porque às vezes a gente fica no campo ideológico. Mas, é muito importante quando uma manifestação destas vai para a sociedade. (GRACIELE, 2018).

As ocupações foram fundamentais para a minha formação. Com elas eu pude vivenciar de um lado a força dos estudantes e, de outro, a tentativa visível de sufocar o movimento existente naquele momento, com a alegação de que os alunos estariam fazendo uso de drogas, vandalismo e praticando desordem. A necessidade de valorizar a diversidade existente em nosso país está a cada dia mais forte. Nós devemos nos voltar para uma democracia aberta ao diálogo, na qual possa prevalecer os direitos da maioria, onde cada sujeito possa se enxergar como sujeito com direitos. (MILENE, 2018).

É essencial para este trabalho dar voz a estas opiniões e presenciar estas experiências, principalmente quando vemos na fala de ocupantes, que não eram alunos da escola, a existência de uma experiência que realmente marcou aquele período. Graciele relatou que havia entrado recentemente na universidade, e que, em seu período de Ensino Médio, não havia presenciado nenhum tipo de mobilização política. Milene trouxe em sua fala uma chamada ao diálogo, à democracia e à valorização da diversidade. Se ela conseguiu conectar todos estes conceitos ao período que participou das ocupações, percebemos mais uma vez sua importância. Abaixo trouxemos a opinião de Luciano a respeito da importância das ocupações. No entanto, para ele, as ocupações não foram tão importantes.

Ahh, eu acho que não... porque não é o lugar prá isso. No primeiro dia tinha gente da direção da escola, nos outros dias parece que não foi mais. Tinha professor da escola, e tinha muito professor fora da escola também, de faculdade. Eu não vejo sentido nisso tudo. Não acho que foi um movimento importante. O jeito foi muito bagunçado. Tiraram horário de aula normal, prá fazer aquelas palestras deles. Eu sei que era só um complemento daquele protesto deles, não sei se pode falar protesto. Daquela forma eu acho que não seja útil pros alunos. (LUCIANO, 2018).

Por mais que saibamos da importância do movimento das ocupações, para aqueles que eram contra, o período ocupado não fez diferença. Fez somente surgir uma onda que protestava contra, discriminava e pretendia tornar o movimento como algo ilegítimo, algo recorrente contra qualquer movimento social que vá contra os interesses da elite. Sobre as ocupações terem sido legítimas, Luciano já deixou claro seu pensamento no trecho anterior. Entretanto, conseguimos a seguinte resposta de Milene:

Em relação às ocupações terem sido legítimas, eu respondo sim. As ocupações contribuíram para a minha formação na escola e na sociedade, porque, como estudante do curso de História na Universidade Federal de Uberlândia naquele período, e agora formada professora, eu posso dizer que ainda falta muito para melhorar a educação em nosso país, que ainda é necessária muita luta para evitar a retirada de direitos que vivemos atualmente e que vivenciamos no ano de 2016. E que nada deve ser decidido sem a opinião da maioria, do coletivo. (MILENE, 2018).

É possível perceber como a ligação entre o curso na faculdade e as ações desenvolvidas na ocupação contribuíram para a formação de Milene, inclusive relacionando com sua formação de professora. É possível presumir que a presença e apoio de professores nas ocupações serviram também de motivação para Milene continuar e terminar sua formação acadêmica. Questionamentos e propostas para a democracia também estão presentes em suas falas e, da mesma forma, Graciele expressa que também pensa ser o movimento das ocupações legítimo:

As ocupações em 2016 foram legítimas, de todas as formas possíveis e, embora o governo não tenha dado a importância necessária que o movimento merecia, ela foi articulada, planejada, foi executada e teve uma repercussão símbolo. Ele mobilizou a cidade de Ituiutaba, né? Onde é Ituiutaba no interior de Minas e nós tivemos duas escolas paralisadas e isso em conjunto com o nacional porque outras escolas se mobilizaram ao mesmo tempo. Foi visto, foi falado destas escolas. E mesmo que tenha alguém contra, o movimento foi extremamente legítimo. (GRACIELE, 2018).

Chamar a atenção para a cidade de Ituiutaba, e como esta foi importante para aqueles dias de ocupação, é fundamental para este trabalho, pois, como já afirmamos anteriormente, Ituiutaba foi uma das primeiras cidades de Minas Gerais a iniciar as ocupações. É importante ressaltar a presença da crítica ao governo na fala de Graciele, e também dos demais que apoiaram o movimento, salientando a falta de interesse em negociar e o descaso em argumentar com os alunos, o que parece demonstrar que o governo não queria diálogo e também não considerava as ocupações como um movimento legítimo. Muitas vezes foram tecidas críticas ao movimento, o relacionando a atos ligados a partidos políticos, fato que já comprovamos, pelo menos nas entrevistas, não ter acontecido. Graciele continuou sua crítica ao governo, demonstrando insatisfação e descontentamento. Foi perceptível o tom de desabafo que ela promoveu em sua fala, que podemos acompanhar abaixo:

Eu entendi o Governo como numa posição de subjugar o movimento. Como se fosse “Ah, são só os alunos, isso não vai durar”. Aí quando veio a durabilidade e, por fim, o dia do Enem, aí algumas pessoas pensaram, “Ah, não! Ah, não! A gente precisa se mobilizar. Porque a gente tá atrapalhando nós mesmos”. E aí, eu vejo que o governo não sentiu. Foi como se não tivesse tido, porque não resultou em nada, nós tivemos a aprovação de ambas as leis que estavam sendo boicotadas com esse movimento, e eu vejo que o governo viu como um movimento de rebeldes sem causa e não tinha porque tomar uma posição porque isso vai acabar logo. Daqui uns dias eles não vão ter força para isso. Cadê os pais desses meninos, não vão interferir? E aí alguns alunos viram que era hora de se desmobilizar, tanto que o Tônico Franco não demorou tanto depois do Enem, porque, na percepção deles, isso não estava resultando em nada. Porque para o governo isso é nada, eles estão simplesmente adiando as provas nas escolas ocupadas, não deixando de aplicar, e isso não está interferindo diretamente no bolso de ninguém porque o salário dos professores não é um gasto muito grande, porque embora tenha muitos profissionais, os professores não são valorizados e pagar um pouco a mais para os professores dar aula no final do ano... Isso para eles parecia que não fazia diferença. (GRACIELE, 2018).

Já partindo para o encerramento deste tópico, trouxemos algumas falas de Carolina sobre o fim das ocupações na Escola Israel Pinheiro. Segundo relata, o fim se deu pela presença da polícia, bem como pelo desgaste do movimento, pois o período ocupado já atingia quase 50 dias. Segundo Carolina, houve até mesmo, na fala dos policiais, a aplicação de multas a quem continuasse ocupando a escola.

Eu presenciei um dia que os policiais foram lá prá conversar, prá desocupar, e que a primeira conversa seria pacífica, e as outras não iam ser, e que se eles tivessem lá até tal dia e tal hora, a escola ia pagar uma multa, e que os alunos iam pagar, e ia ficar “tantos mil” prá cada um, e a gente não sabia se era verdade, porque afinal era a polícia falando. Teve um advogado que foi lá um dia, e explicou prá gente algumas dúvidas, mas foi bem geral. Muitos estudantes cresceram em questão de argumento, aprenderam um pouco mais sobre política, teve gente que não sabia de nada, não aprendia nada, e foi lá e aprendeu. Foi importante porque a cidade percebeu que a gente tinha voz. Foi depois que os policiais chegaram e conversaram. Aí a gente ficou assim, se ia ou se não ia desocupar, e a gente já tava há muito tempo lá, outras escolas já estavam desocupando mesmo e aí a gente falou com o Tônico Franco, tanto que a gente encerrou mais ou menos na mesma época. (CAROLINA, 2018).

Percebemos alguns movimentos de desocupação de escolas em todo o Brasil, mas em Ituiutaba isso não foi necessário, como já foi comentado, pois o movimento já estava desgastado pelo longo período de ocupação e pela falta de interesse do governo em dialogar seriamente com os ocupantes. As provas do ENEM também coincidiram com as datas das ocupações, causando protestos por parte dos que iam contra o movimento e este foi mais um fato que, certamente, contribuiu para o fim do movimento em Ituiutaba. O desânimo, a falta de diálogo com o governo, e as próprias pressões exercidas por autoridades, desde a direção da escola, governo e polícia, contribuíram para que o movimento tivesse seu fim. Em Ituiutaba não houve movimento de desocupações. Já em Uberlândia, cidade próxima e já citada, ocorreram movimentos de desocupação:

A Ação Civil Pública tornou-se um importante fator contrário às ocupações. Junto à mesma, movimentos antagônicos (como o “Desocupa Escola Uberlândia”), discentes e pais desfavoráveis ao movimento, agiram para recolocar as escolas no lugar que atribuíam a ela [...] A ideia de que os jovens estudantes nada pensavam e nada elaboravam sobre seus estudos, são encontradas tanto nas ações “que desqualificaram os estudantes e os assolam por meio da baliza de leis que deveriam assegurar a plenitude de suas juventudes, quanto nas práticas de censura e limitação dos debates nas escolas, pretendidas pelos apoiadores do projeto “Escola Sem Partido”. (MORAIS, 2016, p.9).

Já encerrando este tópico, trouxemos uma das últimas falas da entrevistada Carolina, ocupante que mais esteve presente na sua escola. Ela foi questionada sobre o movimento ter funcionado, ter tido algum retorno para a educação e para a sociedade, e se de alguma forma a ocupação nas escolas atingiu o governo. Seguimos com o último trecho de entrevista, apresentado abaixo:

Não funcionou... (silêncio) funcionou prá dar um impacto na população, tipo se a gente quiser a gente pode manifestar, a gente é capaz de a gente juntar e fazer o movimento. Mas pro governo não adiantou, a mídia distorceu muita coisa, pro governo a educação não é importante, não é o princípio deles, não é prioridade deles. Então o governo não tava nem aí, a população não ajudou

muito, a cidade tava contra, é tipo as greves dos professores, eu sou super a favor de ter, eu vou, eu participo e eu apoio, mas eu não acho que funcione. A nossa voz parece pequena quando a gente grita prá quem tá lá em cima. (CAROLINA, 2018).

“A nossa voz parece pequena quando a gente grita prá quem tá lá em cima” (CAROLINA, 2018). Com esta frase encerramos as falas expressas neste tópico para que fique evidente como se deu o fim do movimento, principalmente da maneira como ocorreu na cidade de Ituiutaba, ou seja, por falta de motivação, bem como pela observação do fim das ocupações em outras cidades, encerradas por parte dos próprios ocupantes, também pela falta de motivação em continuar. A presença da polícia e dos pais não atingiu as escolas ocupadas em Ituiutaba, pelo menos de maneira incisiva. No entanto, a representatividade que este movimento trouxe para a cidade, o poder de organização e força dos alunos, e o apoio dos professores, pais e simpatizantes, deixou um recado para aqueles que desconfiam do poder da juventude e da luta pela educação de qualidade e acesso a todos.



## 5. Considerações Finais:

A partir das entrevistas coletadas, e da experiência pessoal obtida nas ocupações escolares em 2016 na cidade de Ituiutaba-MG, conseguimos abstrair elementos que promovem várias discussões interessantes: a forma de organização dos alunos e ocupantes, o interesse de jovens da rede pública em mostrar união e força contra medidas propostas pelo governo, o apoio dos pais e professores aos movimentos de ocupação, a diversidade de atividades e conhecimentos que fogem do currículo escolar e a queda do discurso de que o aluno não se interessa pela escola.

Pensamos que as ocupações deixaram um legado importante, tanto no âmbito nacional quanto na cidade na qual focamos nosso trabalho. Vale ressaltar o legado de que a educação ainda sobrevive aos golpes que o governo e a elite disferem contra ela, pois mesmo com fortes movimentos contrários, pressão dos pais e polícia, as ocupações se mantiveram firmes por um tempo considerável e mostraram àqueles que duvidam do poder dos jovens estudantes de rede pública, que dentro dos muros daquelas escolas existem indivíduos que estão preocupados com as próximas gerações que estão por vir.

Pudemos perceber como as formas de organização foram importantes para o desenvolvimento das ocupações. Cada tomada de decisão, de forma conjunta, seja entre comissões, ou entre grupos específicos, representava o caráter democrático que havia ali naquelas escolas, pois de maneira nenhuma existia a tomada de decisões por uma única pessoa. Percebemos, na fala dos entrevistados, que talvez existisse alguma liderança, ou um ocupante específico que tomava a frente de algumas decisões, mas isso também está ligado ao fato dele possuir contato com as ocupações de outras cidades, pois criar grupos em redes sociais com todos os ocupantes do país não seria algo viável, poderia acabar tomando outros rumos e, desta forma, perder o foco principal das manifestações.

Os grupos digitais e as redes sociais foram essenciais para a propagação e difusão das ocupações, pois como já afirmamos neste trabalho, a maioria dos acontecimentos eram divulgados em páginas criadas especificamente para tal finalidade no *Facebook*. Também existiam grupos no *Whatsapp* e alguns deles eram compostos por ocupantes de cada escola. Outros continham integrantes de movimentos de todo o Brasil, para dialogar e se relacionar, além de propor estratégias e formas de resistência, como observamos na fala de um dos entrevistados.

Essa comunicação, por meio das redes sociais, também fortaleceu o movimento, no sentido de que o apoio de parte da sociedade era ali manifestado. Trouxemos até mesmo uma postagem feita na página “Mídia Ninja”, que chama a atenção e parabeniza as ocupações em uma das escolas da Ituiutaba. Atualmente esta página possui mais de dois milhões de seguidores. As postagens relacionadas ao preparo dos alimentos, à organização da escola, da limpeza da escola e das ações e atividades eram as que mais atingiam e continham o apoio popular. A organização, divulgação dos roteiros e desenvolvimento das atividades eram pontos fortes que legitimavam ainda mais as ocupações.

Nesse mesmo foco, chamamos a atenção para o modelo das atividades que aconteciam dentro das escolas, desde as aulas de música, até os chamados “aulões”, que promoviam um estudo sobre diversas matérias previstas para as provas do ENEM, pois muitos ocupantes se preparavam para realizar as provas. Os debates, promovidos por alunos, professores da rede básica e professores universitários, além dos próprios universitários, contribuíam para a formação do caráter dos jovens ocupantes. Isso acontecia devido à prática de dialogar sem qualquer tipo de violência e austeridade, pois todos os que estavam presentes poderiam emitir opiniões sobre os temas tratados.

O ambiente que se formou com as ocupações dentro da escola vai muito além do que estamos acostumados a enfrentar no cotidiano escolar. Houve uma boa convivência entre os alunos e professores e atividades que contemplavam temas importantes, que raramente são tratados com os alunos de rede pública, como política, economia, direitos humanos, sexualidade, homossexualidade, respeito ao próximo, dentre outros. Até mesmo temas presentes nos currículos eram dados por professores, para dar continuidade aos estudos e para a preparação daqueles que fariam a prova do ENEM.

Sabemos dos limites desse trabalho, pois cada dimensão apresentada e analisada necessita de um aprofundamento, tanto teórico quanto empírico, o que é impossibilitado pelo tempo limitado do Mestrado. Esperamos ter contribuído com pesquisas que envolvem juventude, organização estudantil e movimentos sociais. Os sujeitos analisados e apresentados neste estudo nos permitiram obter a autenticidade que os movimentos de ocupação conquistaram. Esperamos, ansiosamente, por mais movimentos que promovam na escola, nos alunos, professores e sociedade, um espírito de luta e justiça social.

## 6. FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Acervo de pesquisa

CAROLINA. [Entrevistas de história oral dos participantes das ocupações escolares em 2016 em Ituiutaba-MG]. Bairro Tupã, Ituiutaba - MG, 15 out. 2018. Entrevista realizada por Eduardo Henrique de Freitas Marques. p. 1-3. Acervo de pesquisa.

LUCIANO. [Entrevistas de história oral dos participantes das ocupações escolares em 2016 em Ituiutaba-MG]. Bairro Tupã, Ituiutaba - MG, 18 nov. 2018. Entrevista realizada por Eduardo Henrique de Freitas Marques. p. 1-3. Acervo de pesquisa.

GRACIELE. [Entrevistas de história oral dos participantes das ocupações escolares em 2016 em Ituiutaba-MG]. Bairro Tupã, Ituiutaba - MG, 05 dez. 2018. Entrevista realizada por Eduardo Henrique de Freitas Marques. p. 1-5. Acervo de pesquisa.

MILENE. [Entrevistas de história oral dos participantes das ocupações escolares em 2016 em Ituiutaba-MG]. Bairro Tupã, Ituiutaba - MG, 15 nov. 2018. Entrevista realizada por Eduardo Henrique de Freitas Marques. p. 1-3. Acervo de pesquisa.

### Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M.; ESTEVES, L. C. G. . Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: Miriam Abramovay; Eliane Ribeiro Andrade; Luiz Carlos Gil Esteves. (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. 1ed.Brasília: MEC, 2009, v. 27, p. 21-56.

ANTUNES, Ricardo. A era das contrarrevoluções e o novo estado de exceção. In: LUCENA, Carlos; PREVITALI, Fabiane Santana; LUCENA Lurdes. **A crise da democracia brasileira – V. I –**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

BOUTIN, Aldimara C.B.d.; FLACH, Simone. F. O movimento de ocupação de escolas públicas e suas contribuições para a emancipação humana. **Inter-Ação (UFG. online)**, v. 42, p. 429, 2017.

DAYRELL, Juarez. As escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 1105-1128, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>

DAYRELL, J. T. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em BeloHorizonte**. 2001. 412f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo (USP),

São Paulo, 2001.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Org.). **Juventude e ensino médio : sujeitos e currículos em diálogo** – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014. 339 p. : il.

DAYRELL, Juarez ; CARRANO, Paulo . Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola?. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Org.). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. 1ed.Belo Horizonte: ED. UFMG, 2014, v. 1, p. 101-134.

FÁVERO, Douglas Gonsalves; MORAIS, S. P. . A condição juvenil no capitalismo dependente brasileiro: relação entre trabalho e educação. In: **II Seminário Internacional Desafios do Trabalho e Educação no Século XXI**, 2015, Uberlândia. Programação e Caderno de Resumos. Uberlândia: Composer Gráfica e Editora, 2015. p. 116-116

FÁVERO, D. **A experiência juvenil no processo de luta pela moradia em Uberlândia - MG** Dissertação (Mestrado em Educação)(2012-2015) / Douglas Gonsalves Fávero. - 2017. 159 f. : il.

GOHN, M, G. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **ATLAS da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil**. Brasília, DF, 5. jun. 2017. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30253](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253). Acesso em: 15 mar. 2018

MACEDO, R. M.; ESPINDOLA, N. M. ; RODRIGUES, A. ‘NÃO É SÓ PELO DIPLOMA’’: AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS E OS PROCESSOS CURRICULARES. **Revista e-Curriculum (PUCSP)**, v. 14, p. 1358-1376, 2016.

MARTINS, Francisco André Silva. Participação de jovens no cotidiano escolar: o “abraço” promovido pelo grêmio estudantil de uma escola pública de ensino médio. **Revista Empório Revista de Filosofia**, v. 1 n3, p. 44-58, 2010.

MORAIS, S. P. Movimento estudantil em tempos de espectros democráticos: Ocupações de escolas públicas a partir das experiências dos estudantes de Uberlândia/MG (2016). In: **IV Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais: Crises do capitalismo, novas e velhas formas de protesto**, 2018, São Paulo. IV Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais: Crises do capitalismo, novas e velhas formas de protesto, 2017. 15p.

ORTELLADO, P. A primeira flor de junho. In: CAMPOS, A, M; MEDEIROS, J; RIBEIRO, M,M. **Escolas de lutas**. São Paulo: Editora Veneta, 2016. p. 12-18.

PIOLLI, EVALDO; PEREIRA, L. ; MESKO, A. S. R. . A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista. **Crítica Educativa**, v. 2, p. 21-35, 2016. <https://doi.org/10.22476/revcted.v2i1.71>

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do Ensino Médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla

Linhares. (Org.). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. 1ed. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2014, v. 1, p.229 - 248

SANFELICE, J. Luiz Com o golpe de 2016, para onde caminhará a educação? In: LUCENA, Carlos; PREVITALI, Fabiane Santana; LUCENA Lurdes. **A crise da democracia brasileira – Volume I** –. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

SAVIANI, Demerval. A crise política no Brasil, o golpe e o papel da educação na resistência e na transformação. In: LUCENA, Carlos; PREVITALI, Fabiane Santana; LUCENA Lurdes. **A crise da democracia brasileira – Volume I** – Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

SILVA, J. P. S.; MEI, D. S. O que aprendemos das ocupações nas escolas em 2015 e 2016? 2017. **XIII Congresso Nacional de Educação. EDUCERE, IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. SIRSSE e VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente. SIPD/Cátedra UNESCO.**

SORDI, Denise N.; MORAIS, Sérgio P. Os estudantes ainda estão famintos!: ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas no Brasil. **Religación. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, v. I, p. 25-43, 2016.

SPOSITO, M. P. (Des)encontros entre os jovens e a escola. In: GAUDÊNCIO, F.; CIAVATTA, M.(Org.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004. p. 73-92.

VIANA, Nildo. Juventude e Identidade. **Estudos (UCGO. Impresso)**, v. 36, p. 145-154, 2009.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Pesquisa em Educação e Juventude: Um olhar sobre as ocupações escolares em 2016 na cidade de Ituiutaba”, sob a responsabilidade dos pesquisadores **Eduardo Henrique de Freitas Marques**(Discente do curso de Mestrado em Educação PPGED-UFU) e **Fabiane Santana Previtali**( Orientadora, Professora Associado I na Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Programa de Pós-Graduação em Educação - FACED/UFU (Capes 5) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - INCIS/UFU).

Nesta pesquisa nós estamos buscando analisar os movimentos de ocupações escolares na cidade de Ituiutaba, no ano de 2016, ocorridos nas seguintes escolas: Escola Estadual Governador Israel Pinheiro e Escola Estadual Coronel Tonico Franco.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador Eduardo Henrique de Freitas Marques, na cidade de Ituiutaba MG, após a assinatura do termo, haverá uma entrevista gravada por aparelho eletrônico em formato de áudio. O indivíduo entrevistado obtém tempo pra participar da pesquisa, autorizando sua fala, segundo conf. item IV da Resol. CNS 466/12 ou Cap. III da Resol. 510/2016.

Na sua participação, você será submetido a questões e perguntas previamente estabelecidas pelo pesquisador, em forma de entrevista oral, as perguntas são diretamente ligadas ao objeto de pesquisa. Após a transcrição dos áudios de gravação cedidas pelo entrevistado, o material será desgravado.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem em, alguns casos, o participante se sentir constrangido, bem como riscos psicológicos ou médicos. Incidentes decorrentes da pesquisa não poderão onerar o SUS, cabendo aos pesquisadores prever possíveis riscos médicos e/ou psicológicos, bem como os encaminhamentos que serão oferecidos gratuitamente ao participante.

Os benefícios serão os seguintes: contribuição para uma pesquisa acadêmica em universidade pública, contribuindo para o avanço da ciência. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Eduardo Henrique de Freitas Marques**, [eduardo\\_itba@hotmail.com](mailto:eduardo_itba@hotmail.com), UFU-PPGED- Santa Mônica, Bloco 1 . Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê

de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Ituiutaba, ..... de ..... de 2018

---

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Assinatura do participante da pesquisa

